



Instituto Superior de Gestão

Educar para Empreender em Cabo Verde

Uma abordagem no ensino secundário

Zuleika Furtado Ferreira

Dissertação de Mestrado para obtenção de Grau de
Mestre em Estratégia de Investimento e
Internacionalização

Orientador: Professor Doutor Rui Moreira de Carvalho
Professor Associado Instituto Superior de Gestão
Co-orientador: Professor Doutor Ivo Pereira
Professor Assistente no Instituto Superior de Gestão

Lisboa

2017

Resumo

O presente trabalho de investigação pretende analisar a importância do ensino para o empreendedorismo e as propensões empreendedoras dos alunos nas escolas secundárias em Cabo Verde.

A educação é identificada como instrumento fundamental, onde desempenha um papel preponderante na modelagem de atitudes, no desenvolvimento de aptidões empreendedoras, que traduzem em benefícios à sociedade, transcendendo a aplicação da atividade empresarial.

Neste sentido o apoio ao incentivo à educação para o empreendedorismo torna-se fundamental para que se tenha um ensino focado nas práticas empreendedoras, inovadoras e promotoras de desenvolvimento sustentável.

Tratando-se de um trabalho de investigação, é feita uma revisão da literatura sobre o tema “empreendedorismo”, e a “educação para o empreendedorismo”, sendo que o seu desenvolvimento teve como base métodos e técnicas de pesquisa com enfoque exploratório e quantitativo na análise dos dados obtidos através de questionários, com o intuito de compreender os traços de personalidades empreendedores nos alunos das escolas secundárias em Cabo Verde.

Os resultados obtidos revelam que a maioria dos alunos tem propensão para empreender no futuro ou de criar o próprio negócio. Suportado neste desiderato é possível sugerir a pertinência do ensino para empreendedorismo nas escolas secundárias, bem como a criação de condições estruturais para incentivar a adoção do espírito empreendedor e um modelo de ensino virado às práticas de gestão empreendedora e projetos de ideias de negócios inovadores. Por fim, evidenciam-se algumas ilações frisando sugestões para trabalhos futuros.

Palavras-Chave: Educação Empreendedora, Empreendedor, Empreendedorismo.

Abstract

This research aims to analyze the importance of entrepreneurship education and the entrepreneurial propensity of students in secondary schools in Cape Verde.

Education is identified as a fundamental instrument, where it plays a preponderant role in modeling attitudes, in the development of entrepreneurial aptitudes, which translate into benefits to society, transcending the application of business activity.

In this sense the support to the incentive to the education for the entrepreneurship becomes fundamental so that it has a focused education in the entrepreneurial practices, innovators and promoters of sustainable development.

As a research work, a review of the literature on the theme of "entrepreneurship" and "education for entrepreneurship" is carried out. Its development was based on research methods and techniques with an exploratory and quantitative approach in the field of entrepreneurship. Analysis of the data obtained through questionnaires, in order to understand the traits of entrepreneurial personalities in secondary school students in Cape Verde.

The results show that most students have a propensity to undertake in the future or to create their own business. Supported in this desideratum it is possible to suggest the relevance of teaching for entrepreneurship in secondary schools, as well as the creation of structural conditions to encourage the adoption of entrepreneurial spirit and a model of education focused on entrepreneurial management practices and innovative business ideas projects. Finally, there is evidence of some inferences stressing suggestions for future work.

Keywords: Entrepreneurial Education, Entrepreneurship, Entrepreneurship.

Agradecimentos

Gostaria de dirigir o meu agradecimento a todas as pessoas que concederam a sua contribuição para elaboração desta dissertação, a qual manifesto a minha gratidão na colaboração no crescimento pessoal, profissional e científico.

Ao Professor Doutor Rui Moreira de Carvalho, pelo apoio desde o início do Mestrado, e pela disponibilidade na orientação da dissertação e pela valiosa contribuição concedidas.

Aos Professores Doutores Ivo Pereira, Sérgio Póvoas e Luís Goldschmidt co-orientadores da dissertação, pelo apoio nas orientações do trabalho, onde agradeço a disponibilidade e o auxílio conferido.

A minha família, pelo incentivo recebido ao longo destes anos, em especial aos meus pais Carlota Ferreira e Félix Ferreira pela educação, amor e força na caminhada para construção do meu futuro, aos meus irmãos Celso Ferreira e Paulo Ferreira, a minha cunhada Arlinda Furtado e em especial aos meus amigos Carlos Correia e Hasler Lima.

Aos docentes e colegas do Mestrado Estratégia de Investimento e Internacionalização pelo contributo, aprendizado e convivências que vão ser eternizadas na memória.

Aos alunos das escolas secundárias em Cabo Verde, ao Ministério da Educação e Desporto de Cabo Verde, agência ADEI e BIC pelo contributo concedido.

Dedicatória

Dedico este trabalho em especial aos meus pais Carlota Ferreira e Félix Ferreira, aos meus irmãos Celso Ferreira e Paulo Ferreira pelo apoio e acreditar que tudo é possível, basta ter força de vontade e nunca desistir de um sonho. Um obrigado a todos pelo carinho.

Siglas

3E's	Empresas, Emprego, Empreendedorismo
ADEI	Agência para o Desenvolvimento Empresarial e Inovação
AICEP	Agência para o Investimento e Comércio Externo de Portugal
BAD	Banco Africano de Desenvolvimento
BIC	Business Incubation Center
ECV	Escudos Cabo-verdiano
ED	País de Economia Orientada para Eficiência
EUR	Euro
GEM	Global Entrepreneurship Monitor
I&D	Investimento e Desenvolvimento
IASP	Associação Internacional de Parques Científicos e Áreas de Inovação
IDE	Investimento Direto Estrangeiro
IFDEP	Instituto para o Fomento e Desenvolvimento do Empreendedorismo em Portugal
INE	Instituto Nacional de Estatística
MED	Ministério da Educação e Desporto de Cabo Verde
NOSI	Núcleo Operacional da Sociedade de Informação
OAC&T	Outras Atividades Científicas e Técnicas
OMC	Organização Mundial do Comércio
ONUDI	Organização das Nações Unidas para o Desenvolvimento Industrial
PCE	Programa Curricular do Empreendedorismo
PME	Micro, Pequenas e Médias Empresas
SBA	Small Business Administration
SEBRAE	Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas
SIDS	Pequenos Estados Insulares em Desenvolvimento
SSA	Países Africanos ao Sul do Saara
TEA	Taxa Total de Atividade Empreendedora
TIC	Tecnologias de Informação e Comunicação

Índice

Resumo	II
Agradecimentos.....	IV
Dedicatória.....	V
Siglas	VI
1. Introdução	10
1.1 Estrutura do trabalho.....	12
2. Revisão da Literatura	13
2.1 Empreendedorismo	13
2.2 Empreendedor.....	16
2.3 Motivação Empreendedora	17
2.4 Sistema de ciência, inovação e tecnologia.....	18
2.5 Educação para o empreendedorismo	21
2.6 É possível ensinar para Empreender?	23
3. Empreendedorismo em Cabo Verde	26
3.1 Contextualização do País	26
3.1.1. Nível Geográfico	26
3.1.2. Nível Político	26
3.1.3. Nível Socioeconómico	27
3.2 Análise do empreendedorismo em Cabo Verde.....	28
3.3 Contributo do Empreendedorismo em Cabo Verde.....	32
3.4 Programas de Incentivos promoção da cultura empreendedora em Cabo Verde	33
4. Metodologia de Investigação	36
4.1 Delineamento da Investigação	36
4.2 Procedimentos Metodológicos.....	36
4.3 Caracterização da Amostra	36
4.4 Variáveis do estudo.....	37
4.5 Hipótese de investigação	38
4.6 Técnicas e procedimento de recolha de dados	40
5. Educação para Empreendedorismo no ensino secundário em Cabo Verde	41
5.2 Financiamento do PCE	43
6. Apresentação, análise e Discussão dos resultados	46
7. Conclusão e considerações	54
8. Bibliografia	59
9. Anexo	66

Figuras

Figura 1 Caraterística do Empreendedor.....	17
Figura 2 Mapa de localização de Cabo Verde.....	26
Figura 3 Alunos em atividades empreendedoras nas Escolas Secundárias em Cabo Verde	69

Tabela

Tabela 1 Síntese da evolução e perspetivas sobre o empreendedorismo	14
Tabela 2 Caracterização Sociodemográfica	46
Tabela 3 Género e alunos que consideram ser empreendedores	47
Tabela 4: A Idade tem influência nos alunos que consideram ser empreendedores	47
Tabela 5 Escolaridade tem influência nos alunos que considera ser empreendedores...	48
Tabela 6 Perspetivas futuras dos alunos em relação ao mercado de trabalho através do empreendedorismo.....	48
Tabela 7 Interesse dos alunos em atividades liagadas ao empreendedorismo	49
Tabela 8 Alunos que participaram em concursos de ideias.....	49
Tabela 9 Ideias de negócios.....	50
Tabela 10 Introdução do ensino do empreendedorismo o mais cedo possível.....	50
Tabela 11 Ocupação dos pais ou encarregado de educação	68

Gráficos

Gráfico 1 Nível de aceitação social do Empreendedorismo.....	29
Gráfico 2 Potenciais Empreendedores.....	30
Gráfico 3 Intenção de iniciar atividade empresarial	30
Gráfico 4 Negócios Nascentes e Novos Negócios	31
Gráfico 5 Taxa Total de Atividades Empreendedoras (TEA).....	31
Gráfico 6 Ilustração do financiamento do Orçamento do PCE no início dos anos 2014 e 2016	43
Gráfico 7 Mudanças de atitudes nos seus alunos observados pelos Professores.....	68
Gráfico 8 Resultado de apresentação e projetos defendidos 12º anos de escolaridade em Maio 2015.....	68

1. Introdução

Nas últimas décadas, o empreendedorismo tem sido tema de grande relevância e de diferentes interpretações de interesse político, económico, educacional e social, devido a sua capacidade de impulsionar o crescimento económico, na geração de mudanças de atitudes, inovações e transformações tecnológicas que acarretam melhores condições de vida para a sociedade. Contudo, a capacidade de inovação e de estabelecer estratégias eficazes tem revelado como fatores determinantes para o sucesso empresarial, onde o empreendedorismo surge como uma solução e um meio para a melhoria da competitividade dos países e potencializar o seu desenvolvimento (GesEntrepreneur, 2015).

De acordo com Global Entrepreneurship Monitor (2012) define o empreendedorismo como um comportamento e não traço de personalidade, onde os indivíduos podem aprender a agir como empreendedores, utilizando ferramentas que auxiliam na busca pela mudança, sendo assim é considerado como qualquer tentativa de criação de negócio, em que pode desenvolver o auto-emprego, uma nova organização empresarial ou a expansão de um negócio já existente por um ou grupo de indivíduos sabendo reagir e explorar as oportunidades de negócios.

No passado, o sistema educativo não orientava no sentido de incentivar o desenvolvimento do espírito empreendedor dos seus educandos, ou o trabalho por conta própria, sendo o objetivo final do processo educativo produzir valores de realização pessoal assente na educação de nível superior, no emprego e na estabilidade financeira. Com o passar do tempo, o sistema educativo progride e novos paradigmas ajustam às necessidades contemporâneas da sociedade. A educação para o empreendedorismo atualmente é considerada como ferramenta fundamental para auxiliar o indivíduo no desenvolvimento de atitudes inovadoras em prol da sociedade, transformando mentalidades, estimulando novos talentos a arriscar em novos negócios e projetos. Permite ainda ser proactivo, ter sentido de responsabilidade, assumir os riscos calculados e manter a rede de contactos que possam servir de mais-valia futura (Sabedoria Alternativa, 2013).

A promoção e o incentivo ao empreendedorismo jovem assumem especial pertinência sobretudo, numa perspectiva de médio prazo. Por outro lado, requiere cada vez mais

jovens habilitados para impulsionar novas oportunidades de negócios (Saraiva, 2011). Segundo o Jornal Oficial da União Europeia, citado por Sakar (2010), salienta a preocupação de tornar a economia do conhecimento mais competitiva e dinâmica a nível mundial, na criação de melhor emprego, maior coesão social, com enfoque na educação. Permite ainda na formação inicial e contínua, na qualificação do capital humano, na seleção de políticas que promovem o conhecimento, a inovação e a cultura empreendedora.

O presente trabalho de investigação tem como objetivo analisar a importância do ensino para empreendedorismo nas escolas secundárias em Cabo Verde. O Programa Curricular do Empreendedorismo criado para auxiliar o desenvolvimento de aptidões empreendedoras dos alunos no ensino secundário técnico em geral, uma iniciativa de parceria triangular estabelecida entre o Ministério da Educação e Desporto de Cabo Verde, Organização das Nações Unidas para o Desenvolvimento Industrial e o Governo de Portugal.

Contudo, o estudo caso, incide sobre as atividades realizadas no Programa Curricular do Empreendedorismo na fase experiência-piloto até a sua implementação, sendo este com início no letivo de 2013/2014 abrangendo 12 escolas, onde tinha representação em seis ilhas do arquipélago. No ano letivo 2016/2017, dá-se a implementação em todas as escolas em Cabo Verde.

Contudo, de acordo com o estudo de caso, pretende-se conhecer as propensões empreendedoras dos alunos das 5 escolas de 3 ilhas do arquipélago, com uma amostra de 230 alunos. Com este problema espera-se contribuir de forma objetiva no desenvolvimento do ensino para o empreendedorismo em Cabo Verde.1

Pergunta de partida

Em que medida o incentivo à educação para o empreendedorismo contribui na formação de potenciais empreendedores?

Objetivo Geral:

Analisar a importância da promoção do ensino para o empreendedorismo nas escolas secundárias em Cabo Verde.

Objetivos Específicos:

- Conhecer as propensões empreendedoras dos alunos nas escolas secundárias;

- A introdução do ensino para empreendedorismo nas escolas como forma de incentivar a cultura empreendedora nos alunos;
- Conhecer os benefícios do Programa Curricular do Empreendedorismo para a comunidade educacional.

1.1 Estrutura do trabalho

O presente trabalho está organizado em seis partes. Na primeira parte fez-se a introdução, onde realçou o enquadramento do tema e traçou os objetivos do presente estudo. No segundo capítulo fez-se a contextualização teórica do tema central, bem como as definições dos principais conceitos ligados ao empreendedorismo, empreendedor, inovação e tecnologia, educação para o empreendedorismo. O terceiro capítulo aborda uma análise do estado atual do empreendedorismo na sociedade Cabo-verdiana. No quarto capítulo descreve o método de investigação utilizado para a recolha e análise de dados do estudo caso do ensino para o empreendedorismo nas escolas. No quinto capítulo fez-se uma abordagem do ensino do empreendedorismo nas escolas secundárias em Cabo Verde. O sexto capítulo apresenta-se os resultados obtidos do estudo caso. Por fim, é apresentada as conclusões da investigação, bem como as sugestões para futuras investigações e as limitações.

2. Revisão da Literatura

2.1 Empreendedorismo

Nas últimas décadas, o empreendedorismo tem sido uma temática de interesse acadêmico e da sociedade, onde o cenário de desenvolvimento científico e tecnológico de tornar o indivíduo capaz de utilizar a sua criatividade para gerar inovação, mudanças de panorama em que está inserido, onde implica uma postura sensível, dinâmica, responsável e empreendedora (Martins, 2017).

A palavra empreendedorismo já existe há bastante tempo. Em 1725, em plena Revolução Industrial, Ricard Cantillon, economista, usou o termo pela primeira vez, embora tenha sido utilizado com diferentes significados, uma delas como a pessoa responsável pelo negócio, a palavra francesa “*entrepreneur*”, ou estar no mercado entre o fornecedor e consumidor (Silva e Monteiro, 2014). Porém Rocha (2012), refere que alguns anos depois, em 1776 o economista Adam Smith mencionou na sua obra Riqueza das Nações, o termo empreendedorismo, definindo os empreendedores como pessoas que reagem às alterações da economia, onde possuem capacidade como agentes económicos, transformando a procura em oferta.

De acordo com Sarkar (2014) na segunda metade do século XIX, em 1848, John Stuart Mill, refere ao empreendedorismo como pilar da iniciativa privada, onde o indivíduo corria o risco e tomava decisões, ao mesmo tempo que geria recursos limitados para o lançamento de novos negócios. No entanto, em 1871, o autor Carl Menger, associa o empreendedorismo à criação de oportunidades que conduzem ao crescimento industrial (Carvalho e Costa, 2015). Contudo o conceito do empreendedorismo mais aceite foi popularizado pelo economista Schumpeter em 1936, como uma peça central à sua autoria da distribuição criativa, sendo assim observado como a solução para alguns dos problemas que afligem a sociedade e delinear o rumo de uma economia, região ou país (Sarkar, 2014).

Segundo Mendes et al., (2011) no século XX, mais concretamente na década de 80, o autor Peter Drucker, defende que os empreendedores não têm de ser provedores de mudanças, mais sim exploradores de oportunidades criadas pela mudança. Contudo, ao longo do período histórico, surgem um conjunto de contributos dados por vários autores com diferentes perspetivas em relação ao termo empreendedorismo, e tornou-se

possível identificar alguns aspetos associados nomeadamente, a inovação, tecnologias, processo de criação de empresas, à expressão organizacional do projeto empreendedor, à sua exploração de oportunidade e comportamento. A seguinte tabela evidencia-se uma síntese as teorias que possibilitaram o estudo do fenómeno empreendedorismo.

Tabela 1 Síntese da evolução e perspetivas sobre o empreendedorismo

Autores	Abordagem Conceptual
Cantillon (1725)	Introduziu o conceito de empreendedorismo, derivado da palavra francesa “entreprendre”
Adam Smith (1776)	Definindo os empreendedores como indivíduos que reagem às alterações da economia, onde possuem capacidade como agentes económicos, transformando a procura em oferta.
Say (1803/1817)	Deu ênfase à capacidade dos empreendedores de organizar os recursos de forma a dar resposta a oportunidades.
Mill (1848)	Refere ao empreendedorismo como pilar da iniciativa privada, onde o indivíduo corria o risco e tomava decisões, ao mesmo tempo que geria recursos limitados para o lançamento de novos negócios.
Menger (1871)	Analisou a capacidade dos empreendedores de identificar bens económicos, com valor no mercado.
Ely e Hess (1893)	Reconheceram a abordagem holística dos empreendedores, que vêem a empresa como um todo.
Knight (1921)	Analisou os fatores subjacentes ao lucro do empreendedor, onde apresenta preocupado com a eficiência dos fatores económicos reduzindo os desperdícios, aumentando as poupanças para criar valores.
Schumpeter (1936)	Enfatizou o papel do empreendedor como impulsionador da inovação conduzir a criatividade e por conseguinte o crescimento económico.
MC Clelland (1961)	Analisou as motivações dos empreendedores quando estes começam um novo negócio ou desenvolvem negócios existentes.
Mayer e Goldstein (1961)	Analisar a performance de 81 empresas durante os primeiros 2 anos de vida.
Collins et al (1964)	Estudaram histórias pessoais e o perfil psicológico dos empreendedores que criaram pequenas empresas na região de Detroit e nem todos os estudos provaram que os empreendedores tinham características distintas.
Kirzner (1973)	Alerta para um conjunto de pessoas que conseguiam identificar oportunidades, persegui-las e obter lucros.
Fast (1978)	Como novos empreendimentos (empresas) podem ser desenvolvidas em empresas já existentes ou de uma forma mais ampla como essas empresas se podem tornar mais inovadoras.
Gartner (1988)	Deve-se colocar foco no comportamento e não nas características.
Kanter	Estudos que analisam as estruturas organizacionais e

(1983)	administrativas nomeadamente, como estas geram empreendedorismo interno.
Burgelman (1983)	Processo como as novas ideias são desenvolvidas e a sua experimentação e desenvolvimento dentro das grandes empresas.
Covin e Slevin (1989)	Encontraram uma postura empresarial que pequenas a alta performance de empresas que operam em ambientes Hostis
Brich (1987)	Empresas orientadas para o crescimento (growth oriented firms), que chamou de gazelas, dão grande contribuição para a criação de emprego nos EUA.
Hannane Freeman (1984) Aldrich (1999)	Algumas organizações estão mais preparadas para competir
ACS e Audretsch (1990)	As pequenas empresas contribuem com uma nova percentagem substancial para a inovação.
Mac Millan et al. (1987); Scheman (1992)	Analisaram a estrutura dos investimentos das empresas.
Larson (1992)	Como os empreendedores desenvolvem e utilizam a net works para acederem à informação, para aumentar o capital e a sua credibilidade.
Bruderl et al. (1992)	Estudaram 1849 start-ups recorrendo a uma análise multivariada e verificaram que a probabilidade de sobrevivência era maior se tivessem mais empregados, capital inicial, capital humano e estratégia dirigidas ao mercado nacional.
Bygrave e Timmons (1992)	Analisaram em detalhes as operações de aplicação e retorno de capital de risco.
Palich e Bagby (1995)	Comparam os empreendedores aos gestores atendendo à forma como ambos reagem a situações ambíguas de negócios e concluem que empreendedores entendem mais as oportunidades do que problemas.
Gimeno, Folta, Cooper e Woo (1997)	O nível de Thres hold (exigências), e função dos custos de oportunidades, switching costs (custos de encerramento) e dos valores pessoais
Shane e Venkataraman (2000)	Exploração de oportunidades
Stuart (2000)	As redes de ligações com entidades reputadas podem aumentar a legitimidade e conduzir a um aumento das vendas.

Fonte: Sarkar (2014: 59-61).

Vários são os autores que tem dado o seu contributo em relação ao empreendedorismo até os dias de hoje. Sarkar (2010) define o empreendedorismo como o processo de criação ou expansão de negócios inovadores que nascem a partir de oportunidades identificadas. Contudo, o autor refere a importância e o papel preponderante do

empreendedorismo, que vai para além da criação de negócios, onde refere sobre a forma de ver e fazer as coisas utilizando a criatividade e inovação.

Por sua vez, Testas (2013) refere que o empreendedorismo não está intimamente ligado apenas ao conceito de negócios, mas sim relacionado com o conceito de vida, em que integra um conjunto de mudanças que auxiliam na criação de atitudes empreendedoras nos indivíduos. Atualmente, a palavra empreendedorismo não se encontra estritamente associada só á criação de empresas, mas também á capacidade de se adaptar em vários contextos de diferentes temáticas e interpretações. O objetivo de gerar valores que se traduzem no bem-estar para a sociedade, a sua importância e o seu papel de impulsionar o crescimento económico de um país. Contudo, o autor Moreira (2015) refere o empreendedorismo como área de grande potencial para novas soluções e inovações e capaz de colocar em ação, a criação de empresas, emprego e a internacionalização dos produtos e organizações.

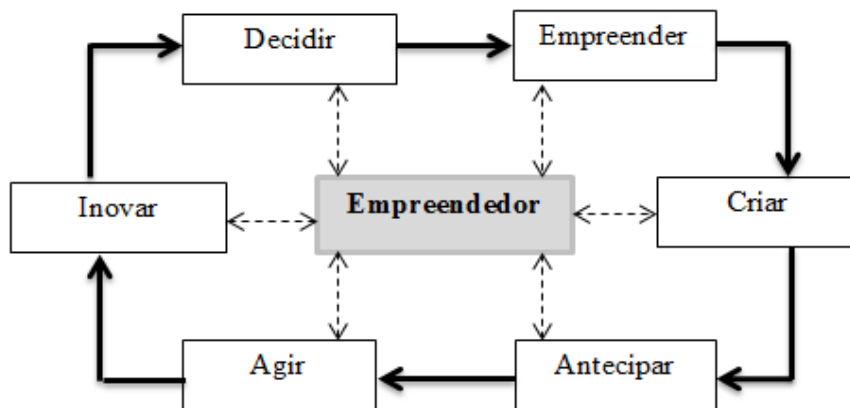
2.2 Empreendedor

No final do século XIX e início do século XX, os empreendedores eram confundidos com os gestores, onde eram observados como indivíduos que gerem organizam e controlam as ações desenvolvidas nas organizações.

Segundo Chiavenato (2012) define o empreendedor como a pessoa que inicia ou dinamiza um negócio, para realizar uma ideia ou projeto, inovando e assumindo os riscos. Por sua vez, os autores Carvalho e Costa (2015) mencionam ao empreendedor como pessoa capaz de introduzir inovação, apto a horizontes de negócios e de novos mercados. A atitude do empreendedor provém da sua iniciativa, planeando métodos com objetivos e promovendo serviços, produtos e organização, sendo que cada empreendedor tem a sua forma de alcançar o sucesso.

Segundo os autores, Duarte e Esperança (2012) defendem que as características que definem um empreendedor são as atitudes, os comportamentos, como se pode constatar na seguinte figura, Algumas características do empreendedor são: iniciativa, capacidade de liderança, auto confiança, motivação, determinação, comunicação, inovação, ser proactivo, ter estratégia e planeamento, Deve ser focado, ser persistente, humile, independente na busca para soluções eficazes na tomada de decisões, ter capacidade de correr riscos controlados e diagnosticar problemas e focalizar nos resultados.

Figura 1 Característica do Empreendedor



Fonte: Duarte e Esperança (2012).

O papel do empreendedor geralmente está relacionado com a descoberta e exploração de novas oportunidades. É fundamental ter a capacidade de ultrapassar os obstáculos que vão surgir ao longo das atividades empreendedoras, contudo a importância da maturidade do empreendedor torna-se um aspecto essencial, onde é colocada a ideia em prática, porém por falta de conhecimento, aptidão de gerir um negócio e o medo de falhar torna um entrave para potenciais empreendedores, porém urge a necessidade de assumir riscos calculados, encarando os desafios fase a fase a situação de incerteza procurando sempre as oportunidades de negócios que o mercado propicia (Duarte e Esperança, 2012).

2.3 Motivação Empreendedora

Desde a existência do homem, que a sua motivação está ligada à própria necessidade de sobrevivência. Spector (2002) refere a motivação como um estado interior que induz o indivíduo a assumir determinados tipos de comportamentos num processo responsável, pela intensidade direção e persistência dos esforços, em alcançar uma determinada meta.

De acordo, Trigo (2002) o empreendedorismo não pode ser entendido como um fenómeno simples e unidimensional, pois muitas da vezes é influenciado pela personalidade do indivíduo e pelo seu comportamento. Contudo o empreendedorismo não aparenta ser nato, embora houvesse fatores envolventes, onde o indivíduo está

inserido, em que pode desenvolver em si o espírito empreendedor (Duarte e Esperança, 2012).

Segundo Fini et al (2009) a intenção empreendedora é vista como uma representação cognitiva das ações a serem implementados pelos indivíduos, quer para estabelecer novos empreendimentos ou criar novo valor dentro de empresas já existentes. O despertar da motivação empreendedora, advém do momento em que o indivíduo começa a repensar numa determinada perspectiva de vida, onde tem autonomia na tomada de decisões, seja em de caráter pessoal ou profissional, onde decide o caminho a percorrer para o alcance dos objetivos mitigando os riscos inerentes.

Segundo Alves (2014) existem pelo menos quatro motivos para ser empreender, sendo eles: Por necessidade quando não existe liberdade de escolha; Por vocação, sempre que surge oportunidade de mercado para empreender; Por inércia a existência de fraco ambiente organizacional; e por último o empreendedorismo por conhecimento e consciência considerada a melhor forma de empreender atualmente.

Para Saraiva (2011) os motivos que levam os empreendedores a iniciarem um novo projeto na maior parte das situações, não são direccionadas para o lucro ou enriquecimento pessoal a curto prazo. Contudo, Sarkar (2014) salienta a necessidade da promoção da inovação e do espírito empreendedor, pois este tem impacto positivo na criação de emprego, na produtividade e na renovação económica. Porém a motivação do indivíduo em empreender tem importância significativa para a caracterização de um empreendedor na tomada de qualquer decisão, uma vez que faz parte das aspirações e iniciativa pessoal. Desta forma a motivação empreendedora incorre no risco em que está associado a ação de uma dada recompensa, sendo ela encerrada de forma positiva ou negativa para o alcance dos objetivos predefinidos

2.4 Sistema de ciência, inovação e tecnologia

O processo contemporâneo do empreendedorismo envolve uma multiplicidade de vertentes, assumindo um papel peculiar e relevante na atual situação da sociedade. Com a globalização, muitos fenómenos relacionados com as mudanças tecnológicas para incentivar o crescimento da economia mundial tem apresentado o seu desenvolvimento e posteriormente o seu contributo para grandes potências mundiais. Contudo, devido ao uso excessivo de recursos naturais, a ameaça ao seu esgotamento, a ciência e a

tecnologia surge como forma de mitigar as adversidades enfrentadas na sociedade (Teixeira, 2012).

Segundo Carvalho (2009) refere a ciência e tecnologia como um conjunto de conhecimento científicos que está diretamente aplicada na produção e na melhoria de bens e serviços. Todavia o autor, refere que o seu desenvolvimento está intimamente ligado ao processo de evolução tecnológica. Por sua vez, o autor refere-se sobre o sistema científico e tecnológico como conjunto de recursos e atividades no domínio da ciência e da tecnologia, em articulação com o saber, a economia e a sociedade cujas relações interna básicas são as organizastes (recursos, políticas), as de comunidades (sistema educativo) e as de impacto (economia nacional e internacional).

A aplicação da ciência e da tecnologia, através do conhecimento, permite mudanças estruturais com efeito preponderante sobre o mercado e na distribuição de recursos. Segundo Torres (2016) o progresso da ciência depende da criação de instrumentos científicos adequados, cuja possibilidade de manufatura reporta o grau de desenvolvimento tecnológico.

As Outras Atividade Científica e Técnicas (OAC&T) constituem um conjunto de atividades, sem carácter significativamente inovador, nomeadamente: os ensaios e teste de rotina e normalização; a consultoria técnica; o controlo da qualidade; os cuidados médicos especializados; documentação e a informação científica e técnica e a sua difusão; prospecção dos recursos naturais; os serviços de patentes e licenças, entre outras.

Porém Carvalho (2009) define a Investigação e Desenvolvimento (I&D) como trabalhos criativos prosseguidos de forma sistemática, com vista a ampliar um conjunto de conhecimentos, incluindo o conhecimento do homem, da cultura e da sociedade. Contudo, Carvalho (2010) refere que o investimento em Investigação e Desenvolvimento Experimental (I&DE) facilita o surgimento de inovações, onde em conjunto com as OAC&T constituem a totalidade das atividades sistemáticas, ligadas à produção, promoção, difusão e aplicação de conhecimento científico e tecnológico.

A facilidade e a velocidade com que a inovação chega ao mercado é essencial para influenciar a ciência e a tecnologia, uma vez que é caracterizado como motor do estado de desenvolvimento das sociedades modernas. Atualmente, o empreendedorismo é compreendido nas suas diferentes perspetivas, onde torna-se imprescindível a mudança

de mentalidade estimulando novos talentos, adaptando as inovações tecnológicas consideradas como aspetos cruciais para solidificar um empreendimento, onde as entidades governamentais têm papel fundamental na promoção de atividades empreendedoras (Sabedoria Alternativa, 2013).

Segundo Carvalho e Costa (2015) a criação de ambientes e de cultura empreendedora favorável ao empreendedorismo incentivada por um conjunto de políticas públicas, estímulos que promovam atividades empreendedoras tais como: a cultura, a educação para empreendedorismo, o desenvolvimento industrial e de infra-estruturas de suporte (parque tecnológicos, incubadoras) porém, o estímulo ao empreendedorismo no desenvolvimento da criatividade económica ao empreendedorismo jovem, na promoção social e do intra-empreendedorismo e no combate à aversão ao risco promovem o espírito empreendedor.

O apoio às instituições públicas e privadas, na cooperação das investigações e no desenvolvimento das tecnologias que estimulam a criação de novas ideias, incubadora, bem com as instituições de ensino com papel intermediador na troca de conhecimento são fundamentais para a criação do processo e espírito empreendedor (Sabedoria Alternativa, 2013).

Segundo Sartori et al (2011) referem que as incubadoras de empresas e os parques tecnológicos, são consideradas como entidades promotoras de empreendimentos, onde as incubadoras têm objetivo de oferecer suporte aos empreendedores no desenvolvimento de ideias inovadoras transformando-as em empreendimentos de sucesso, por sua vez os parques tecnológicos constituem um complexo industrial e de serviços de base científico-tecnológico, onde atuam como impulsionadores da cultura de inovação, competitividade, capacitação empresarial, estabelecendo a translação de conhecimento e tecnologia.

Atualmente, a ciência e a tecnologia são consideradas alicerces do processo de industrialização, onde é desenvolvida a inovação, no entanto com a globalização, informação e das novas tecnologias, têm vindo a ocorrer mudanças com impactos positivos acelerando o crescimento das economias emergentes e na criação de mais empregos qualificados com melhores padrões de vida (Banha, 2016). A relação existente entre a ciência, tecnologia, inovação e crescimento económico está em permanente transformação, onde o investimento nessas áreas tem vindo a crescer à

escala global acentuadamente nos países de economias desenvolvidas e emergentes (Silva, 2014).

Segundo Teixeira (2012) considera a inovação como a geração e exploração de novas ideias. O conceito de inovação está intimamente ligada à ideia básica de estratégia empresarial, onde consiste em descobrir como fazer algo diferente da concorrência e melhorar a satisfação e as necessidades dos clientes. A inovação desempenha um papel relevante como fonte principal de incerteza e de mudança, observado como um dos recursos competitivos no ambiente organizacional (Tidd et al., 2001). O estímulo ao empreendedorismo tem tido destaque no desenvolvimento dos negócios e da indústria na sociedade, devendo aos indivíduos estarem atentos à sua importância, neste sentido torna preponderante a orientação para obtenção de capacidades de gestão, conhecimentos que incentivam a promoção do empreendedorismo e da inovação (Testas, 2013).

2.5 Educação para o empreendedorismo

O ensino do empreendedorismo surgiu nos Estados Unidos da América, na Universidade de Harvard em 1947, tendo a sua origem nos cursos de gestão de empresas, onde eram proferidas as habilidades do indivíduo ao longo do seu processo de desenvolvimento da sua atividade quotidiana e laboral. Contudo, com passar do tempo, a educação para empreendedorismo expandiu-se por diversos países. Atualmente é observado em diferentes perspectivas, adaptando-se as capacidades tecnológicas de inovação, pensamento e visão onde tem sido ponto forte no ensino para o empreendedorismo potencializando futuros empreendedores (Sakar, 2014).

Segundo Rizza e Varum (2011) referem a educação para o empreendedorismo como um campo recente de investigação do empreendedorismo, embora que nas últimas décadas tem tido valiosas contribuições para o avanço do estudo da educação empreendedora. De acordo com Odegård (2011) define a educação para o empreendedorismo como o processo dinâmico e social, onde os indivíduos identificam oportunidades para inovar e transformar as suas ideias em atividades práticas seja num contexto social, cultural ou económicos. Por sua vez, Teixeira (2012) refere a educação para o empreendedorismo como uma aprendizagem realizada ao longo da vida, sendo a melhor forma de aprender é combinar experiências de vida com atividades educativas formais. Banha (2016) refere que a educação para empreendedorismo potencializa o papel do ensino e de

aprendizagem na criação da cultura empreendedora, dinamizando jovens com tecnologias criativas, onde demonstram o seu mérito e talento em concretizar negócios.

Segundo, Santos (2014) a necessidade de uma sociedade mais empreendedora com uma cultura de um espírito inovador e empreendedor é essencial para alavancar uma sociedade mais empreendedora. A designação de políticas que promovem o conhecimento, a inovação e a cultura empreendedora, tem sido consideradas como uma mais-valia junto aos jovens na adaptação do espírito empreendedor, cujo papel e as características dos empreendedores bem-sucedidos apresenta-se ser uma referência padrão para potenciais empreendedores (Carvalho e Costa, 2015). Contudo, é necessário a criação de um ambiente favorável ao empreendedorismo na sociedade com base em políticas integradas, com objetivo de instruir e transformar mentalidades por forma a adquirir competências, mitigar as barreiras que obstruem a criação do espírito empreendedor e das empresas (Rocha, 2012).

Segundo Testas (2013) o desempenho dos países em tornar a economia mais viável, requer investimentos na educação, inovação e na adoção de novas tecnologias com capacidades geradoras para o autoemprego. A criação de estratégias e programas educacionais por forma a dinamizar e capacitar jovens empreendedores em conjugação com a educação para o empreendedorismo que permite aquisição de conhecimentos e habilidades que estimulam a formação de competência e orientação empreendedora.

Contudo, Rocha (2012) refere que a educação para o empreendedorismo aumenta as hipóteses de sucesso das *start-up* e do autoemprego, onde reforça a recompensa económica para satisfação pessoal. Atualmente, o foco da educação para empreendedorismo não centrada apenas na administração de empresas, mais sim, em diversas vertentes com metodologias, propostas, ambientes de negócios, parcerias e inovações (Carvalho e Costa, 2015).

Segundo Carvalho e Costa (2015) referem que a Comissão Europeia reconhece duas dimensões associadas ao ensino do empreendedorismo: primeiro como um conceito amplo de educação para atitudes e qualidades empreendedoras (centrado na criação de novos negócios); o segundo como um conceito mais restrito à formação para criação de empresa/negócios.

De acordo com Banha (2016) a sensibilização e a criação de programas do empreendedorismo nas escolas desde o ensino básico ao universitário, com objetivo na

promoção do espírito empreendedor e de inovação como necessidade primordial na sociedade. Contudo, muito país vem adotando medidas, tendo como modelo países que possuem experiências na implementação do ensino para o empreendedorismo nas escolas, analisando as vantagens e as dificuldades, por forma a auxiliar no desenvolvimento e na adoção da cultura empreendedora nas escolas e na sociedade (Sarkar, 2014; Rocha, 2012). É de salientar que a responsabilidade e o contributo de todos os intervenientes da comunidade educacional na promoção do empreendedorismo nas escolas tem um papel preponderante na competência essencial para os jovens, uma vez que auxilia e a tornar criativos, autoconfiante em qualquer atividade realizada e capacitando-os a agir de forma socialmente responsável (Raposo e Paço, 2011; Rocha, 2012).

Vários são os órgãos criados para monitorizar e apoiar as atividades ligadas ao empreendedorismo no mundo, destacando as principais: Global Entrepreneurship Monitor (GEM) onde menciona o empreendedorismo como o combustível para o crescimento económico; a Small Business Administration – SBA nos Estados Unidos da América; a London Business School na Inglaterra; SEBRAE no Brasil, onde vem apoiado aos micros e pequenas empresas (Carolino, 2015).

Segundo Lopes (2010) refere que uma das preocupações de melhoria da sociedade é através da educação, destacando a sua importância na vida do ser humano, onde desencadeia diversos processos fundamentais para a transmissão cultural e estrutural da aprendizagem. A educação tem sido uma referência fundamental na formação, na criação de atitudes e personalidades, com fomento nas características inovadoras do espírito empreendedor nos indivíduos, onde a escola tem um papel preponderante na construção de novas experiências e saberes, tendo como missão preparar indivíduos a tornar profissionais de excelência em novos cenários sociais, económicos e políticos, requerendo essencialmente um processo de aprendizagem baseado no saber ser e saber fazer.

2.6 É possível ensinar para Empreender?

Segundo Sarkar (2010) alguns anos atrás, acreditava-se que ser empreendedor era nato, ou seja, os indivíduos já nasciam com competências empreendedoras que distinguiam dos outros, onde era predestinado a ter sucesso nos negócios. Apesar dos traços empreendedores prevalecerem mais em alguns indivíduos de que em outros, atualmente

essa ideia é contrariada, visto que existem várias evidências que o empreendedorismo pode e deve ser ensinado (Rocha et al 2012; Teixeira, 2012), qualquer indivíduo pode aprender a empreender, onde o empreendedorismo pode ser promovido e incentivado nas instituições de ensino através aprendizagem e da cultura empreendedora.

Segundo Imaginário et al (2014) a educação para o empreendedorismo deve ser encarada como um processo dinâmico e social onde os indivíduos identificam oportunidades para inovar e colocar as suas ideias em prática. Apesar de existir indivíduos com traços e habilidades para empreender, grande parte dos potenciais empreendedores hoje passam por um processo de formação para aquisição de capacidades, atitudes e a criação de perfil empreendedor. Atualmente, a educação para o empreendedorismo tem apresentado avanços, destacando o papel das instituições de ensino no auxílio da formação de empreendedores, na criação empreendimentos e na dinamização da economia para a geração de riquezas. Contudo de acordo com Johansen e Schanke (2013) a educação para o empreendedorismo pode ser implementada sob três formas: através da organização de uma disciplina individual de empreendedorismo; integração das temáticas e da importância do empreendedorismo noutras disciplinas existente funcionando como complemento à aprendizagem; a incorporação na escola com metodologia própria dentro do projeto/programa do empreendedorismo.

Segundo Imaginário et al (2014) a transmissão do conhecimento teórico com ações práticas, tem sido uma das preocupações das escolas e dos professores em oferecerem aos alunos instrumentos necessários por forma a garantir aquisição de competências para que estes se tornem empreendedores por si próprios. Porém, um estudo realizado em 1994 pelos autores Garvan e O'Conneide citados pelo Imaginário et al (2014) sobre os programas de educação para o empreendedorismo, onde se verificou que, grande parte dos projetos desenvolvidos, visavam a obtenção de conhecimentos sobre a temática do empreendedorismo, na aquisição de competências específicas, a promoção do e sensibilização para o empreendedorismo com importância no desenvolvimento de atitudes de mudança, na assunção de risco, na criação de novas oportunidade e empresas. De acordo com o autor anteriormente referido, o estudo realizado na época apresentavam problemas associados à implementação do programa educação para o empreendedorismo, contudo o estudo serviu de base para futuras implementações do programa precavendo os erros do anterior programa. Porém, alguns requisitos a ter atenção, na implementação do programa do ensino do empreendedorismo nas escolas

com base e foco em métodos de transmissão de informação centrado com a teoria e a prática, processo de avaliação ao longo do projeto que permita avaliar a eficácia do programa e conseqüentemente a sua continuidade, materiais adequados, parcerias com investidores e empresas, na promoção de atividades empreendedoras ligadas com a sociedade.

Segundo Banha (2016) refere que a atitude, conhecimentos, comportamentos, aptidões e competências empreendedoras, desenvolvidas nos programas de empreendedorismo cativa nos alunos e jovens para o despertar das atividades empreendedoras e o prazer em empreender. É fundamental o reconhecendo da educação para o empreendedorismo na geração de competências, no incentivo da cultura empreendedora, onde tem acarretado alterações no ensino tradicional para o experimental, com técnicas que contribuem no desenvolvimento de atividades empreendedoras para a criação do auto-emprego, abertura de novos mercados emergentes e implementação de inovação e tecnologias. Contudo é notório que nos últimos tempos vem assistindo uma extraordinária evolução no desenvolvimento de cursos e programas com conteúdos ligados ao empreendedorismo em todos os níveis de ensino. Apesar de inúmeros avanços registados no processo formativo da educação para o empreendedorismo, ainda existe necessidade de desenvolver e implementar ações que visam o fomento do empreendedorismo através de projetos centrados no aprender-fazendo, com criatividade e inovação, bem como a aplicação de competências no desenvolvimento de novos produtos, negócios e a facilidade de financiamento de empreendimentos (Moberg, 2011; Imaginário et al, 2014).

3. Empreendedorismo em Cabo Verde

3.1 Contextualização do País

3.1.1. Nível Geográfico

Situado no Oceano Atlântico a cerca de 455km no extremo ocidental africano, Cabo Verde é um arquipélago de reduzida dimensão territorial com cerca de 4033km, sendo a maior parte das ilhas montanhosas de origem vulcânica, rochosas e solos pouco férteis para prática de agricultura, com longos períodos de seca e recursos naturais escassos. Constituído por 10 ilhas das quais 9 habitada divide em dois grupos: ao norte, as ilhas de Barlavento de oeste para leste as ilhas de Santo Antão, São Vicente, Santa Luzia (desabitada), São Nicolau, Sal e Boavista, e ao sul as ilhas de Sotavento de leste para oeste as ilhas do Maio, Santiago, Fogo, Brava e composto por oito ilhéus (Directel, 2014).

Figura 2 Mapa de localização de Cabo Verde



Fonte: www.google.pt/mapa

3.1.2. Nível Político

Cabo Verde foi descoberto em 1460, ocupada pelos descobridores a partir de 1462 até 1975 onde obteve a sua independência, tornando numa república democrática regendo por leis internas que salvaguarda os direitos humanos, paz e justiça, com regime multipartidário, onde a sua soberania reside em 4 órgãos: Presidente da República, Assembleia Nacional (composta por 72 deputados), o Governo e Tribunais. O país tem sido uma referência no continente Africano em matéria de boa governação e na estabilidade política, atraindo investimento externo para o país de forma a potencializar a sua economia (Directel, 2014).

3.1.3. Nível Socioeconómico

Segundo dados de Coutry Meters (2017) a população residente em Cabo Verde estimada em 532.434 dos quais 50,4% são mulheres e 49,6% homens, com uma percentagem elevada de população jovem entre 15 e os 29 anos, representando quase um terço dos habitantes em 31,8%. O país tem um índice de crescimento económico favorável com um rendimento médio/anual *per capita* situado em US\$ 2.000 e a taxa de inflação ronda 1,5% anual. A economia Cabo-verdiana é predominante por prestação de serviços, onde representa cerca de 72% do PIB no setor do turismo e do comércio em expansão, 20% no setor de indústrias ligeira de exportação e construção e 8% em atividades do setor primário (Borges e Morais, 2012). A estabilidade política, o investimento na educação e as receitas dos emigrantes são as principais razões do fomento da economia Cabo-verdiana. A moeda nacional é Escudo Cabo-verdiano e esta indexada ao Euro, 1 EUR = 110,265 ECV. As projeções do Governo de Cabo Verde em 2016 apontaram um crescimento económico acima de 3,6% apoiado no turismo, crédito privado, aumento da produtividade e recuperação da zona euro (AICEP, 2016).

Com a globalização, a abertura de mercados e novos horizontes, Cabo Verde vem apresentando ganhos, avanços tecnológicos, desafios e parcerias feitas pelo Governo Cabo-verdiano com outros países e organizações internacionais. A estabilidade política do país e a modernização da administração pública, a infra-estrutura como portos e aeroporto, vem contribuindo de forma significativa no empoderamento social da população e no desenvolvimento da economia do país.

Sendo Cabo Verde, pequeno estado insular a nível territorial com uma economia jovem e deficitárias, a transição de grupo de países de menos desenvolvidos para países de rendimento médio, tem proporcionado o acesso ao comércio internacional e por conseguinte potencializar o desenvolvimento e crescimento económico do país. Contudo, o país beneficia de uma privilegiada posição geográfica no centro de importantes rotas comerciais que ligam África e a Europa aos mercados da América do Norte e Sul, estrategicamente considera um potencial base logística para diversos países nas trocas comerciais e tecnológicas de informações. A estabilidade política e social tem sido uma referência aos demais países do continente Africano. Devido há fracos recursos naturais, novos desafios são colocados para a mudança de paradigma apostando no setor da educação, formação profissional e infra-estruturação do país.

Contudo, Cabo Verde procura reduzir a sua dependência da Zona Euro, procurando estabelecer parcerias com mercados emergentes sobretudo africanos. A política do Governo Cabo-Verdiano incidirá sobretudo no investimento público em infra-estruturas e na redução do desemprego que ronda 14,9% em 2016. A dívida pública do país apresenta um nível de endividamento de 128,6% do PIB em 2016, contudo o Governo tende a diversificar a economia que apresenta ser dependente do turismo, porém a melhoria do ambiente de negócio e de infra-estruturas como: incentivo ao setor privado, fornecimento de energia, água, saneamento básico, transporte e comunicações como fatores importantes para a melhoria da condição económica e social do país (AICEP, 2016).

Tratando de uma economia pequena aberta muito condicionada pela conjuntura externa, o país ocupa uma posição pouco expressivo no comércio internacional, devido a fraca capacidade de exportação onde apresenta uma balança comercial deficitária, sendo que à nível mundial o país apresenta pouco relevante no que concerne aos fluxos de investimento direto estrangeiro (IDE), sendo assim centra com grande preponderância, no setor do turismo e hotelaria (21,3% do total em 2015), com destaque nas ilhas de Boavista, Sal, Santiago e São Vicente, onde Reino Unido e Portugal assumem como principais investidores em Cabo Verde com 14,5% e 7,1% do total (*idem*).

3.2 Análise do empreendedorismo em Cabo Verde

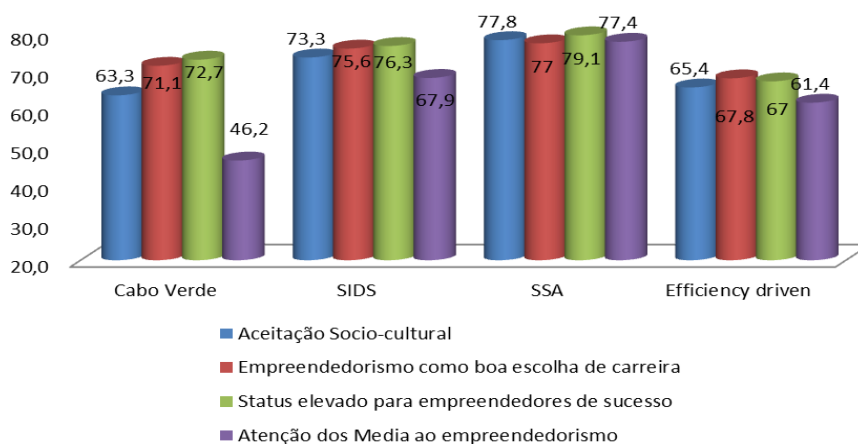
Nas últimas décadas com o efeito da globalização, muitos países tem vindo apostar no fomento do empreendedorismo, como forma de impulsionar a atividade económica, potencializando o tecido empresarial por forma a dinamizar, assegurar o crescimento e desenvolvimento económico do país. Com a entrada na Organização Mundial do Comércio (OMC) torna-se fundamental a modernização do setor empresarial, por forma de criar capacidades de inovação e competitividade, criando alicerce para empresas existentes no país e por conseguinte atrair mais investidores externos para o mercado Cabo-verdiano. As entidades públicas e privadas estão ciente, que é preciso desenvolver o tecido empresarial para colmatar as lacunas existentes por forma a tornar o mercado mais competitivo a nível nacional e internacional, capaz de gerar emprego e combater a pobreza e por conseguinte aproveitando as oportunidades que o mercado proporciona (Carvalho, 2012).

A Global Entrepreneurship Monitor (GEM) define o empreendedorismo como qualquer iniciativa para criar um novo empreendimento ou uma nova atividade de negócio que tem como objetivo novo emprego, nova organização ou expansão do negócio existente, por indivíduos ou grupos de indivíduos por um empreendimento já estabelecido (Afrosondagem, 2014).

De acordo com estudo feito pelo GEM, analisa as condições estruturais ao desempenho, as políticas adequadas do suporte à atividades do empreendedorismo num conjunto de países (Afrosondagem, 2014). O estudo sobre as atividades do empreendedorismo em Cabo Verde foi baseado em três grupos de países do continente Africano, visto que Cabo Verde não faz parte dos países participante do GEM, assim a análise foi feita segundo as regiões dos países pertencentes a este continente representado por:

1. Países Africanos ao Sul do Sahara (SSA)
2. Pequenos Estados Insulares em Desenvolvimento (SIDS)
3. País de Economia orientada para a eficiência (ED)

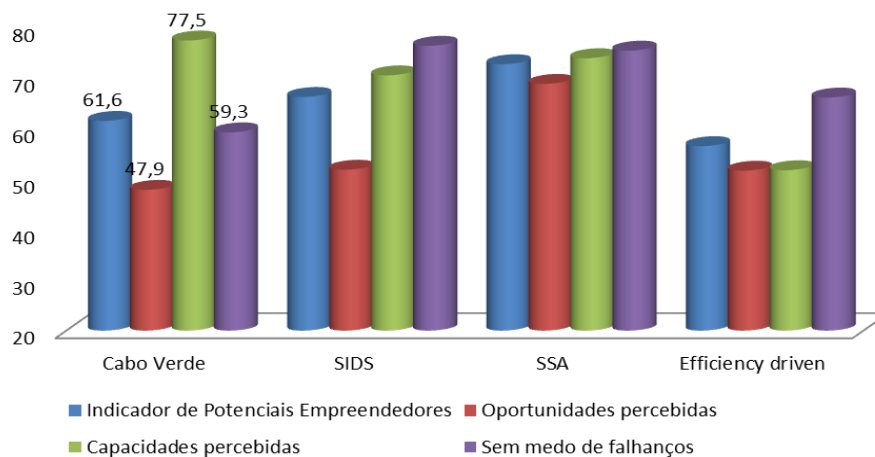
Gráfico 1 Nível de aceitação social do Empreendedorismo



Fonte: Afrosondagem (2014)

Segundo o inquérito realizado teve como base a população adulta com idade de trabalhar no grupo de países em análise. Em relação ao nível de aceitação do empreendedorismo da população adulta em Cabo Verde na idade ativa laboral é de 63% considerado positivo tornando numa mais-valia para o país em relação aos outros grupos em estudo, 71,1% vêem o empreendedorismo como uma boa escolha para carreira, 72,7% tem *status* elevado para ser empreendedores de sucesso e 46,2% apresenta uma atenção dos Médias ao empreendedorismo, em relação a aceitação é mais elevado nas mulheres (65%) do que nos homens (62%).

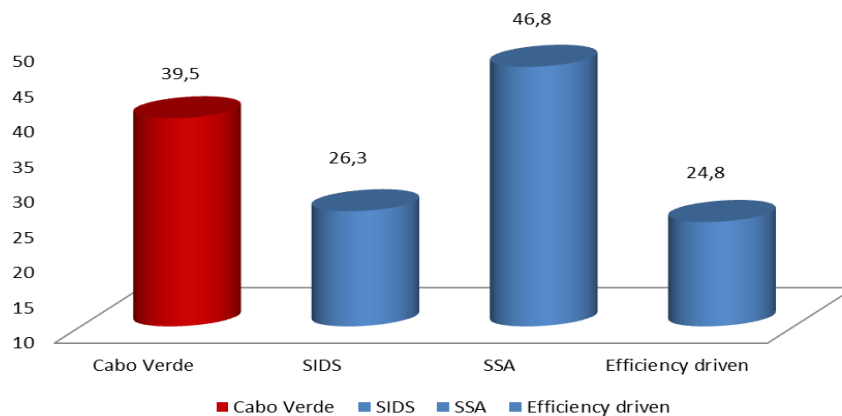
Gráfico 2 Potenciais Empreendedores



Fonte: Afrosondagem (2014)

Cabo Verde apresenta boas perspectivas em relação aos potenciais empreendedores com capacidade de tirar partido das necessidades e oportunidades que o mercado proporciona e por conseguinte desenvolver e desmistificar a economia, melhorando a forma de entrever as oportunidades proferidas na sociedade.

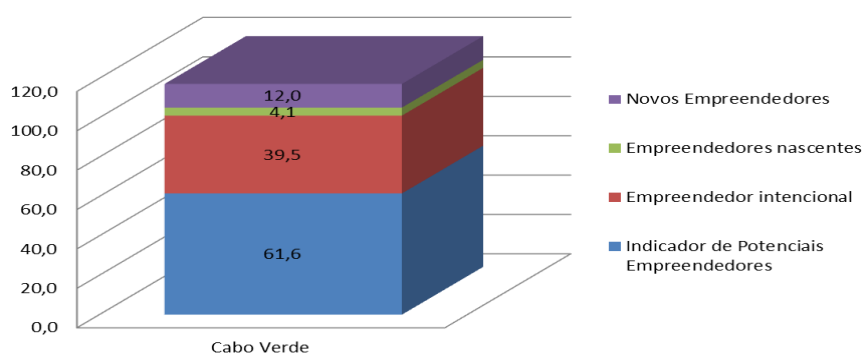
Gráfico 3 Intenção de iniciar atividade empresarial



Fonte: Afrosondagem (2014)

De acordo com o GEM citado por Afrosondagem (2014) o indicador demonstra a existência de uma boa perspectiva quanto à intenção de iniciar uma atividade empreendedora, Cabo Verde com cerca de 40% dos adultos em idade ativa laboral manifestam intenção para iniciar um negócio, todavia uma percentagem superior em relação aos SIDS (26%) e ED (25%) em relação aos outros grupos de países no continente Africano em análise.

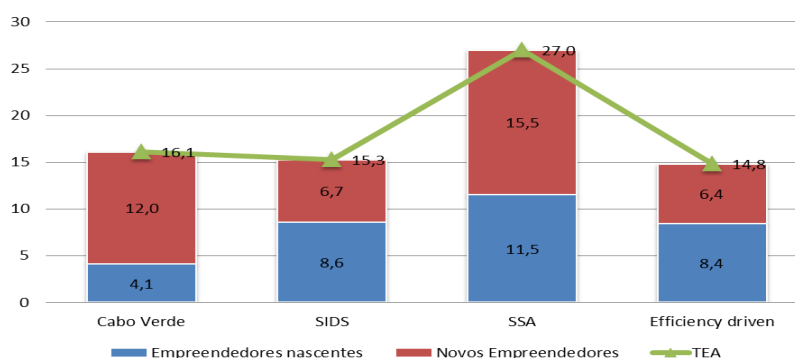
Gráfico 4 Negócios Nascentes e Novos Negócios



Fonte: Afrosondagem (2014).

Em relação ao gráfico 4 demonstra um resumo do estado do empreendedorismo em Cabo Verde, sendo 62% dos potenciais empreendedores, 40% tem intenção empresarial, 4% tem iniciativa para negócios nascentes com menos de 3 meses e 12% representam novos empreendedores (3 a 42 meses). Contudo, Cabo Verde tem apresentado um número crescente de negócios nascente e novos negócios. O despertar da motivação e a cultura empreendedora tem acarretado frutos positivos na criação de novos empreendimentos, contudo o apoio da agência ADEI e BIC tem sido fundamental, onde tem contribuído no desenvolvimento empresarial e capacidade de potencializar mais empreendedores no país. É constatada uma taxa elevada de mortalidade de negócios na fase nascentes, porém o apoio das entidades públicas para encorajar o setor privado na criação de novos empreendimentos, fomentando mais e melhores condições de políticas de incentivos aos novos e potenciais empreendedores (Afrosondagem, 2014).

Gráfico 5 Taxa Total de Atividades Empreendedoras (TEA)



Fonte: Afrosondagem (2014: 12).

De acordo com GEM a taxa total de empreendedorismo na população adulta em idade de ativa laboral é no total de 16% para empreendedores nascente e novos em Cabo

Verde, onde apresenta uma pequena diferença aos países SIDS e ED nos negócios, sendo assim a TEA nos países SSA é superior a Cabo Verde, SIDS e ED, onde apresenta um nível elevado de potenciais empreendedores, sobretudo nos países menos desenvolvidos devido à escassez de trabalho remunerado (Afrosondagem, 2014: 12-13).

3.3 Contributo do Empreendedorismo em Cabo Verde

O termo empreendedorismo é recente em Cabo Verde, tendo entrado na agenda política na década de 90, altura em que o estado reduziu a seu papel central na economia, fomentando o desenvolvimento do setor privado (Baptista, 2009). Atualmente as entidades governamentais tem manifestado interesse na promoção da capacidade empreendedora, com objetivo de incrementar o setor privado, tornado mais competitivo, alargando o leque de serviço com qualidade e excelência (Carvalho, 2012). No entanto, programas criadas pelo Governo tem transferindo a importância para planos estratégicos de redução de pobreza, bem como destaca um conjunto de medidas que possibilitam à iniciativa de atitudes empreendedoras, tais como: a implementação do programa de governação electrónica, sociedade de informação, reforma na gestão das instituições de ensino, promoção das acessibilidades, conectividade das tecnologias de informação e comunicação nas escolas e na sociedade, instituição de créditos, incubadoras e parque tecnológico no apoio aos empreendedores.

O investimento privado tem sido o principal motor de desenvolvimento da economia Cabo-verdiana, visto que o investimento público tende a retrair-se devido ao elevado nível da dívida pública e por conseguinte as suas implicações no equilíbrio macro económico do país. Cabo Verde tem feito parcerias com o Banco Africano de Desenvolvimento (BAD) e outras organizações internacionais a fim de reduzir a pobreza, potencializar as novas empresas por forma à reduzir o tempo e o custo de licenciamento de negócios, desenvolvendo redes de incubadoras no apoio as micros e pequenas empresas, onde grande parte do apoio ao desenvolvimento do empreendedorismo em Cabo Verde concentra-se nas Micros, Pequenas e Médias Empresas (PME), onde tem uma representatividade expressiva na economia do país (Afrosondagem, 2014).

3.4 Programas de Incentivos na promoção da cultura empreendedora em Cabo Verde

A necessidade de criação permanente de parcerias entre Governo e as entidades privadas tem sido uma vertente prioritária, devido ao fraco desempenho de Cabo Verde a nível da atratividade empresarial, onde tem demonstrado alguns entraves influenciando de forma negativa as atividades do setor privado, no que tange as infra-estruturas de saúde, educação, segurança, transporte entre ilha, justiça, acesso ao crédito com taxas de juros acessíveis para novos empreendimentos, fraca qualificação de mão-de-obra, aumento de taxa de impostos face a situação do mercado, insuficiente fiscalização por entidades competente restringindo o mercado. Contudo é necessário a concepção de programas e políticas de fomento às atividades empreendedoras que geram um ambiente empresarial estável atraindo potenciais investidores para o mercado Cabo-verdiano, abrindo porta e quebrando barreiras para o comércio internacional e por conseguinte dinamizar a economia do país (Lopes et al, 2009).

Varias são as instituições que vem apoiando o espirito empreendedor em Cabo Verde, o caso da Câmara de Comércio Industria e Serviços de Sotavento, Associação de jovens Empresários, Agência de Desenvolvimento Empresarial e Inovação (ADEI) em parceria com SEBRAE, Cabo Verde investimento, Novo Banco, Rede Nacional de Incubadoras (RENI).

A agência ADEI tem sido uma das parceiras no apoio na gestão aos micros e pequenas empresas e associações empresariais, dando seu contributo no reforço da capacidade competitiva e no desenvolvimento de inúmeros projetos, bem também como na promoção do empreendedorismo jovens com concurso de ideias tais como: “empreender agora”; “momento empreendedor”; “maratona do empreendedorismo”; “incubadoras de empresas”; “oficina do empreendedor”; “feira dos 3E’s” (Empresas, Emprego, Empreendedorismo).

Segundo a revista *online* Sapo CV (2016) alude que grande parte dos Cabo-verdianos é empreendedor por necessidade. O país tem feito um percurso interessante em termos da consciência e da importância do empreendedorismo nas instituições públicas, privadas e na sociedade. As organizações de apoio as atividades empreendedoras salientam que é necessário inculcar a cultura empreendedor na sociedade Cabo-verdiana, e conseqüentemente a sua promoção, com o contributo das agencia e associação que

ministram programas de apoio ao empreendedores, bem como fortalecer as parcerias entre o Governo e o setor empresarial a fim de colaborar no fomento da atividade empreendedora no país.

Um dos resultados considerados satisfatória realizada pela agência ADEI, onde tem ministrado programas para o fomento do empreendedorismo tais como: “Oficina de Empreendedores” que já percorreu por quase todas as ilhas do arquipélago de Cabo Verde, tendo formado cerca de 2500 pessoas, o “Start-Up Universitário” que tem como foco a comunidade universitária, e o “Star-Up Weekend” para oferta indicados como programas que tem tido sucesso no apoio das atividades empreendedoras no país (Sapo CV, 2016). Segundo Andrade (2015) salienta a importância das redes nacional de incubadoras no engajamento do fomento de serviços de desenvolvimento empresarial, com o objetivo de auxiliar no acesso ao mercado, no financiamento as empresas e no desenvolvimento de cadeias de valores na promoção do empreendedorismo e inovação.

Segundo o estudo do GEM tendo em consideração a análise ao empreendedorismo e crescimento económico em Cabo Verde, é determinada os entraves e as condições que estimulam as atividades empreendedoras no país, a transformação de ideias em oportunidades económicas vista como fonte de inovação e mudança da produtividade, a abertura do mercado e a competitividade cativando novos investidores (Afrosondagem, 2014).

Cabo Verde apresenta grande potencial, devido ao seu posicionamento geoestratégico no processo de negócios e parcerias com investidores externos, a aposta no desenvolvimento de uma economia sustentável e ecológico tem sido estratégia para o crescimento e desenvolvimento do país (Nosi, 2017). A criação de um ambiente favorável ao investimento, negócios, parcerias, a densificação do tecido empresarial nacional, no reforço da competitividade das empresas e o desenvolvimento da capacidade empreendedora nos Cabo-verdianos tem sido um desafio na promoção aos micros, pequenas e médias empresas (Monteiro, 2013).

O projeto parque “Vale de Castelon”, considerado um investimento de grande impacto na área da ciência, tecnologia e inovação em Cabo Verde, onde engloba uma vila tecnológica cujo desenvolvimento centrado na promoção do empreendedorismo e das tecnologias de informação e comunicação, onde o espaço irá albergar incubadoras, parque tecnológico, biblioteca, espaço de formação, lotes de terreno para empresas tecnológicas. Contudo, o projeto indica ser uma vantagem primordial no

desenvolvimento do país na adoção da qualidade educacional e das novas tecnologias de Informação e Comunicação (TIC), onde conta com parceria do Banco Africano de desenvolvimento e da Índia na edificação do parque nas cidades da Praia e do Mindelo (Nosi, 2017).

4. Metodologia de Investigação

4.1 Delineamento da Investigação

No que concerne à metodologia de investigação do presente estudo, baseou-se numa pesquisa através de estudo caso de natureza descritiva e exploratória/ interpretativa, onde é feito uma análise quantitativa de dados obtidos, contudo é apresentada a descrição do instrumento de recolha dos dados, a população da investigação e o método utilizado.

Segundo Sousa e Batista (2011) definem a metodologia de investigação como processo de seleção da estratégia de pesquisa, que condiciona a escolha de técnicas de recolha de dados, onde devem ser adequadas aos objetivos que se pretende atingir. A escolha da metodologia tem por base não só os objetivos do trabalho a desenvolver, mas sim o fato que se pretende com os resultados com base na amostra da população em estudo, onde permite procurar tendências gerais do comportamento do caso em análise.

4.2 Procedimentos Metodológicos

- Revisão Bibliográfica – Consulta de livros, revista das áreas científicas, artigos, dissertações de mestrado, tese de doutoramento e relatório do Programa Curricular do empreendedorismo nas escolas secundárias em Cabo Verde.
- Aplicação do inquérito através do questionário realizado junto dos alunos com uma amostra de 230 inqueridos das 3 ilhas do arquipélago, das quais 5 escolas secundárias em Cabo Verde participaram dessa inquisição.
- O tratamento dos dados firma-se na formação de tabelas no programa Statiscal Package for the Social Science (SPSS), versão 24.0.
- Análise e discussão dos resultados é feita com base nos dados obtidos pela investigação, no programa SPSS confrontando com revisão bibliográfica, contudo, a análise centrou-se nas técnicas descritivas e na utilização de alguns testes estatísticos específicos.

4.3 Caracterização da Amostra

Sendo o estudo de carácter exploratório baseado em método quantitativo com recurso ao questionário para obtenção de dados. A amostra é constituída por 230 alunos de 5

escolas secundárias, sendo: Escola Secundária da Boa Vista, Cesaltina Ramos, Domingos Ramos, Abílio Duarte e Olavo Moniz pertencente as 3 ilha (Boa Vista, Santiago e São Vicente), com o intuito de analisar as intenções e propensões empreendedoras dos alunos.

O estudo incidiu no âmbito do Programa Curricular do Empreendedorismo nas escolas secundárias em Cabo Verde, onde é analisada o seu contributo na promoção de atitudes e ações ligadas ao empreendedorismo nas escolas secundárias. Dada a sua importância que o ensino para empreendedorismo vem proporcionando, onde tem desempenhado um papel relevante na formação dos jovens para o mercado de trabalho, habilitando-os para responder as necessidades do tecido empresarial, é fundamental para que se tenha um ensino focado nas práticas empreendedoras, a fim de incutir nos alunos a cultura empreendedora e por conseguinte ter uma sociedade mais empreendedora (Rocha, 2012).

4.4 Variáveis do estudo

Nesta investigação foram utilizadas dois tipos de variáveis: dependente, independente. Segundo Coutinho (2014) numa perspectiva quantitativa, a análise centra-se nos factos e fenómenos observáveis e na medição/avaliação de variáveis comportamentais e socio afetivas passíveis a serem medidas, comparadas ou relacionadas no decurso do processo da investigação empírica.

Método de investigação quantitativa

A investigação quantitativa centra-se na compreensão dos problemas, analisando os comportamentos, as atitudes e os valores. Para os autores, Sousa e Batista (2011) a investigação quantitativa integra paradigma positivista, apresentando objetivo a identificação dos dados, indicadores e tendências observáveis, sendo este tipo de investigação mostra ser adequado quando existe possibilidade de recolha de medidas quantitativas de variáveis e inferências a partir da amostra de uma população.

Variáveis Dependentes

Segundo Lakatos e Marconi (2003) define a variável dependente como um conjunto de valores (fenómenos, factos) a serem explicados ou descobertos, em virtude de serem influenciados, determinados ou afetados pela variável independente. Sendo assim, a

variável dependente utilizada nesta investigação são: “ser empreendedor”, “intenção e a propensão empreendedora”, dos alunos no ensino secundário. Com base nesta tese, assim foi construída as hipóteses da investigação onde pretende verificar a dependência entre as atividades ligadas ao empreendedorismo desenvolvidas no âmbito escolar e a sua importância na formação de atitudes e perfil empreendedor nos alunos.

Variáveis Independentes

De acordo com os autores Lakatos e Marconi (2003) referem que a variável independente é a sua influência em uma determinada variável, considerado como factor determinante a condição ou causa por certo resultado efeito ou consequência. Numa outra perspectiva é considerado como um fator manipulado pelo investigador, em sua tentativa de assegurar a relação do fator com um fenómeno observado ou a ser descoberto, e conseqüentemente a influência que exerce sobre um dado resultado, sendo assim é apresentada variável independente como: ser empreendedor.

4.5 Hipótese de investigação

De acordo com os objetivos traçados no presente trabalho científico é apresentada as hipóteses da investigação, onde foram obtidas através da reflexão teórica, contudo pretende testar a suposição no trabalho empírico. Segundo Bêrni e Fernandez (2012) a hipótese é considerada com ponto crucial para a construção da ciência. Para responder com precisão os objetivos, através da pergunta de partida delineada, onde pretende dar resposta sobre as intenções e propensões empreendedoras dos alunos, formulou-se um conjunto de hipóteses de investigação:

***Hipótese 1:** De acordo com o estudo é esperado que as mulheres sejam mais empreendedores que os homens.* Segundo Garcia e Moren (2010) as mulheres tem uma percepção pouco positiva em relação ao empreendedorismo do que os homens, isto porque muitas vezes são socializadas e encaradas de modo diferente na sua forma de atuação, contudo afetação na decisão na criação ou não de uma empresa, visto que são condicionadas pelas normas da sociedade e os papéis atribuídos as mulheres. De acordo com Daniel et al. (2015) referem que a avaliação do indivíduo em ser empreendedor mede-se através da sua atitude, desempenho seja ela favoráveis ou desfavoráveis, apresentando dependente de acordo com o comportamento de cada empreendedor perante a sua propensão empreendedora. Com isso, procura apurar se os dados

sociodemográficos podem interferir na concepção de ideias de negócios. Segundo estudo realizados na matéria do empreendedorismo (Blanchflower, 2004; Warnecke, 2013) apontam o crescimento do empreendedorismo feminino, onde apresenta ser inferior ao do género masculino, com oscilações consoante as economias de cada país. Embora que as mulheres avaliam o sucesso dos seus negócios com critérios que transcendem o lucro e o crescimento, como exemplo: o impacto social e a satisfação pessoal (Lim e Envick, 2013; Lago, 2016).

Hipótese 2: *De acordo com as iniciativas vocacionadas para o empreendedorismo é esperado que os alunos pertencentes ao grupo de idade entre [18 a 20 anos] sejam mais empreendedores em relação aos outros grupos de faixas etárias.* Contudo, procura verificar se os alunos com maior faixa etária têm mais probabilidade em empreender do que os de menor idade. A existência de vários receios no processo empreendedor, destacando algumas, tais como: a instabilidade de emprego, a possibilidade não ter sucesso, o receio social de cair numa situação de falência e as dificuldades de enfrentar o contexto de insolvência, contudo, Testa (2013) é fundamental para que a sociedade adote uma atitude positiva em relação aos empreendedores, que enaltecem o sucesso empresarial e por conseguinte diminuir o estigma do insucesso. É essencial levar em consideração a importância de iniciativas que promovem o desenvolvimento de competências técnico-científicas nos alunos, a criar o perfil empreendedor adequada as exigências do mercado de trabalho (Bucha, 2009; Testa, 2013).

Hipótese 3: *De acordo com as iniciativas do PCE nas escolas secundária vocacionadas para o empreendedorismo, é esperado que os alunos sejam mais empreendedores e têm propensão em empreender futuramente.* Pretende verificar se as iniciativas desenvolvidas nas escolas contribuem na promoção do empreendedorismo e na propensão empreendedora dos jovens no seu futuro profissional. A promoção da educação para o empreendedorismo torna fundamental para as competências empreendedoras nos alunos, contudo estas competências devem ser ministradas desde o primeiro ciclo do ensino básico até à universidade para que os jovens adquirirem a referida competência (Bucha, 2009; Gerba 2012).

Hipótese 4: *De acordo com o estudo é esperado que os alunos tenham perspectivas futuras em relação ao empreendedorismo e que os mesmos tenham propensão em empreender.* É importante que os benefícios do empreendedorismo podem influenciar

nas iniciativas e nas atividades desenvolvidas nas escolas com intuito de promover a atitude empreendedora. O perfil dos alunos condicionam o espírito empreendedor, é fundamental que a formação esteja focada nas práticas empreendedoras a fim de ter jovens com capacidades inovadoras e atitudes empreendedoras (Testa, 2013; Ferreira et al, 2010). Contudo pretende constatar se os alunos que tem acesso ao ensino do empreendedorismo qual seria as suas propensões futuras quer seja ele na concepção de ideias de negócios, trabalhar por conta de outrem ao dar continuidade a formação académica.

4.6 Técnicas e procedimento de recolha de dados

No presente trabalho de investigação intitulado educar para empreender nas escolas secundárias em Cabo Verde, onde tem como objetivo analisar as propensões empreendedoras dos alunos nas escolas, recorreu-se a dados primários e secundários, sendo que, os dados primários foram utilizados para aplicação do questionário semiestruturado adaptado ao estudo de Rocha (2012) onde na sua estrutura possui perguntas fechadas e de múltiplas escolhas, do tipo administrativo (onde é o próprio inquirido a responder as questões) (Quivy e Campenhoudt, 2013) para assim permitir ao investigador compreender e captar melhor as perspetivas dos participantes da pesquisa, assim optou pela aplicação do questionário disponível no Anexo. Como dados secundários fez-se a análise documental por forma a reforça a tese do estudo caso, onde o presente trabalho orientou pelo seguinte problema de pesquisa: **Em que medida o incentivo à educação para o empreendedorismo pode contribuir na formação de potenciais empreendedores?**

5. Educação para Empreendedorismo no ensino secundário em Cabo Verde

5.1 Contextualização

Ao longo dos últimos anos, o Ministério da Educação e Desporto de Cabo Verde vem implementando reformas no sistema educativo, sendo uma delas na educação para a cidadania com foco central no ensino para o empreendedorismo nas escolas secundárias através do Programa Curricular do Empreendedorismo (PCE).

O PCE é um programa de iniciativa desenvolvida ao abrigo da parceria triangular estabelecida entre o Ministério da Educação e Desporto de Cabo Verde (MED), com apoio da Organização das Nações Unidas para o Desenvolvimento Industrial (ONUDI) e o financiamento do Governo de Portugal. A ONUDI e o Governo de Portugal apresentam como colaboradores na prestação de assistência na preparação do ensino do empreendedorismo, nos materiais didático, os mecanismos de monitorização, diretivas para avaliação, formação de professores, preparação e implementação de experiência/piloto (Nações Unidas, 2014).

De acordo com PCE (2016) o projeto tem como intuito a introdução do ensino e conteúdos ligados ao empreendedorismo nas escolas. Contudo, o programa teve o seu início ano letivo 2013/2014, onde direcionava à 12 das 50 escolas secundárias existente no país, das quais 6 ilhas Santo Antão, São Vicente, Sal, Boavista, Maio e Santiago onde foram contempladas e participaram no projeto.

Segundo os dados do relatório do PCE (2016) no ano letivo 2014/2015 indicava que o programa já assegurava a formação de 154 professores e dirigentes e beneficiou 4744 alunos do 9º, 10º, 12ºanos de escolaridade, sendo os resultados do desempenho do projeto supera as expectativas iniciais, tendo em vista que o programa é um projeto novo para a comunidade educacional, onde poderia não ter tido aceitação por parte dos alunos, mas o mesmo não aconteceu e os resultados foram satisfatórios.

Segundo o relatório do PCE (2016) após a implementação do programa no ano de 2014, ano onde foram construídas as principais bases do programa com a concretização das principais linhas de trabalho:

1. Aspetos técnicos da integração no Curriculum Secundário: 12 escolas beneficiadas com a implementação do PCE; desenho dos planos de estudo por ano: 9º,

10º, 12º ano; O conteúdo do empreendedorismo é ministrado no âmbito da disciplina de Educação para a Cidadania, com uma carga horária de 2 horas semanais totalizando 66 horas durante o ano letivo, com metodologia de ensino que possibilita 60% do tempo com a aplicação prática; a elaboração dos materiais pedagógicos para implementação do ensino para o empreendedorismo; elaboração de modelos do sistema de monitorização; consenso sobre a aplicação do sistema de avaliação dos estudantes (PCE, 2016).

2. Recursos Humanos: construídos no Ministério de Educação e Desporto grupos técnicos de trabalhos a nível nacional e por conselhos; capacitação de grupos técnicos de trabalhos para o desenvolvimento e implementação do programa; capacitação dos professores e os grupos técnicos de trabalho nacional com intercâmbio de experiências internacionais através da participação nos eventos internacionais em Viena, Irlanda e Moçambique 2013.

3. Preparação das Escolas: a sensibilização do coletivo de professores e diretores de escolas e da comunidade empresarial em cada ilha sobre o programa PCE; contato com pais e encarregados de educação do projeto nas escolas; início da implementação do programa PCE.

Em Fevereiro de 2015, foi realizada a primeira reunião do comité de avaliação técnica do PCE com a participação dos representantes de todos os membros, o MED, Governo de Portugal e a ONUDI, onde o encontro tinha como objetivo avaliar os resultados obtidos do primeiro ano do programa, bem como foi também aprovado o plano de atividades para 2015 e foram discutidas as estratégias para o futuro do programa e a mobilização dos fundos. Ainda no respectivo ano, sendo o segundo ano de implementação do projeto PCE, onde debruçou na realização das atividades, na monitorização e avaliação do programa. Com isso o PCE definiu como aplicar os instrumentos de monitorização, avaliação para recolha de informações relativamente aos resultados alcançados, acompanhamento do processo do ensino aprendizagem junto aos professores e diretores das escolas, aumentando da visibilidade do programa com ajuda de meios de comunicação para estabelecer parcerias, estratégicas e ampliar o projeto do Programa Curricular do Empreendedorismo (PCE, 2016).

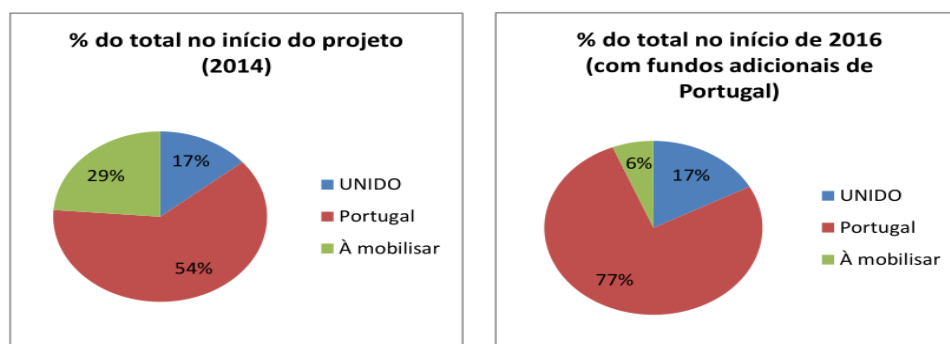
Em relação ao ano letivo 2015/2016, é apresentada os trabalhos desenvolvidos ao longo da implementação do projeto, com foco no acompanhamento e suporte técnico às escolas a nível regional e nacional.

Segundo o Relatório do PEC (2016) no ano de 2015 foram formados 154 professores, 73 técnicos de educação (técnicos centrais e da direção das escolas), 6 elementos de instituições parceiras do projeto do ensino para empreendedorismo; Guia para professores e livros para os alunos disponíveis para os anos 9º, 10º e 12º ano, e o 11º estava sendo preparado para a implementação do programa. Em relação ao programa foi constatada que das 12 escolas, das quais 130 turmas e 81 professores estavam a abordar conteúdos sobre o empreendedorismo na sala de aula, sendo que 60% das atividades destinava a conteúdos práticos. Os resultados da avaliação do PCE apontaram ter impacto positivo na mudança de atitude dos estudantes e no estabelecimento de parceria com entidade financeira como a Caixa Económica Cabo Verde (CECV), a Agência de Desenvolvimento Empresarial e da Inovação (ADEI) e o Instituto de Emprego e Formação Profissional (IEFP). O Programa Curricular do Empreendedorismo surge como resposta à vulnerabilidade e desafios que se impõem ao crescimento do arquipélago, onde o projeto visa desenvolver o ensino secundário geral e técnico profissional, sendo um sistema educativo que alinhe a aprendizagem teórica à prática, consentânea com os desafios sociais e económicas do país.

5.2 Financiamento do PCE

O Orçamento Geral do projeto da ONUDI, conforme o documento do projeto é de 739.494 USD e de 668.800 USD sem custo administrativos, por um período de três anos, as contribuições da ONUDI foram de 125.000 USD e de Portugal 398.638 USD, montante esse que posteriormente foi aumentado para 401.644, por razões ligadas a taxa de câmbio.

Gráfico 6 Ilustração do financiamento do Orçamento do PCE no início dos anos 2014 e 2016



Fonte: Relatório do Programa Curricular de Empreendedorismo (PCE) do MED (2016).

Segundo a União Europeia, citada por Sakar (2014) salienta a importância do empreendedorismo na sociedade atual, no reforço da educação para empreendedorismo nas escolas, instituições de ensino profissional e universidades, onde apresenta impacto positivo no dinamismo empresarial da economia. Sem dúvida a notoriedade das contribuições do empreendedorismo no desenvolvimento e crescimento da comunidade educacional e no ensino para o empreendedorismo, onde é encarada como um fator forte para a iniciativa privada, na empregabilidade dos jovens criando no seio dos mesmos o espírito empreendedor e na criação de empresas.

De acordo com Gerba (2012) a educação para o empreendedorismo é um programa educacional onde tem como objetivo dotar os alunos de conhecimentos, habilidades, motivações e incutir o interesse em enveredarem pelo empreendedorismo, com vista a impulsionar o sucesso empresarial. Segundo a revista Histerdbr (2012) evidencia a importância da pedagogia empreendedora no auxílio, na capacitação dos alunos a ter a liberdade na escolha, sentido de espírito empreendedor e de iniciativa empresarial. O nível de ensino secundário deverá estar apto para sensibilizar ao ensino e aprendizagem pela prática e experiência concreta do empreendedorismo, recorrendo as atividades e projetos práticos para promover melhor o espírito empreendedor com competências ligadas ao empreendedorismo para que os alunos sejam criadores de iniciativas para o emprego por conta própria como opção na carreira futura (Banha, 2016).

A educação para o empreendedorismo no ensino secundário tem sido necessidades primordiais, visto que grande parte dos alunos nesta fase de ensino tem a capacidade de desenvolver aptidões empreendedoras. Segundo Testa (2013) a educação para o empreendedorismo apresenta-se em duas áreas: a educação sobre o empreendedorismo e a educação para o empreendedorismo. A primeira abrange a construção e o estudo de teorias relatadas por empreendedores na criação de empresas e no seu contributo para o desenvolvimento e crescimento económico e da iniciativa privada. A segunda aborda o potencial dos empreendedores com vista a desenvolver e estimular o processo empreendedor. Autores como Ramayah, et al (2012) e O'Connor (2012) referem que a educação para o empreendedorismo passa por preparar os alunos a constituir e iniciar uma nova empresa e saber geri-lo, acrescentando as multiplicidades de benefícios que apresenta ao indivíduo de tornar inovador, apta a novas experiências de modo que lhe permita criar, inovar e avaliar as oportunidades empresariais.

Segundo Banha (2016) a formação dos professores torna essencial onde funciona como motor de mudança das políticas educativas, bem como no empenho do corpo diretivo das escolas, na participação dos pais e encarregados de educação e parceiros dos sectores público e privado. O papel dos professores tem sido preponderante no desenvolvimento, no aproveitamento e na capacitação e nas aspirações dos alunos, ajudá-los a desenvolver atitudes empreendedoras. Contudo, os professores devem conter uma vasta gama de competências relacionadas com a criatividade e o empreendedorismo, onde possam dispor de um bom ambiente escolar podendo proporcionar a criatividade, a assunção de risco, incentivar e os erros valorizados como uma oportunidade de aprendizagem. De acordo com o autor o espírito empreendedor desenvolve num ambiente onde existe o estímulo nas formas ativas de aprendizagem.

6. Apresentação, análise e Discussão dos resultados

Neste capítulo é apresentado o estudo das variáveis que influenciam a construção do perfil empreendedor e as intenções empreendedoras dos alunos do ensino secundário em Cabo Verde. O resultado obtido analisar-se-á a problemática desta investigação, por forma a avaliar as hipóteses formuladas, onde são validas e sustentadas com base na fundamentação teórica.

A análise estatística envolveu medidas de estatística descritiva (frequências absolutas e relativas) e estatística inferencial. O nível de significância para aceitar ou rejeitar a hipótese nula foi fixado em $(\alpha) \leq 0,05$. Usou-se o T Teste e Qui Quadrado de independência. O pressuposto do Qui-Quadrado de que não deve haver mais do que 20,0% das células com frequências esperadas inferiores a 5 foi analisado. As diferenças foram analisadas com o apoio dos resíduos ajustados estandardizados. Para variáveis com dois níveis (tabelas 2 x 2) usou-se o teste de análise descritiva de tabelas cruzadas. A análise estatística foi efetuada com o SPSS (*Statistical Package for the Social Sciences*) versão 24.0 para Windows.

6.1 Caraterização da Amostra

De acordo com o estudo caso, 230 alunos participaram no inquérito, onde 5 escolas secundárias em Cabo Verde, sendo 53% são do género feminino e 47% masculino. A média da idade dos alunos compreende-se entre [16 a 17] anos no total de 52.6%. Em relação a escolaridade 35.2% dos alunos frequentam o 12º ano, representado na tabela.

Tabela 2 Caracterização Sociodemográfica

Género	Frequência	Percentagem
Masculino	108	47%
Feminino	122	53%
Total	230	100%
Idade	Frequência	Percentagem
14à 15	32	13,9%
16à17	121	52,6%
18 à 20	77	33,5%
Total	230	100%
Escolaridade	Frequência	Percentagem
9º Ano	35	15,2%
10º Ano	54	23,5%
11º Ano	60	26,1%
12º Ano	81	35,2%
Total	230	100%

Fonte: Elaboração própria

Hipóteses

Hipótese. 1: De acordo com os dados obtidos certa de 21% das mulheres são mais empreendedoras do que 15% homens, embora a diferença não seja estatisticamente significativa, $\chi^2(3) = 2.956, p = .086$, onde o nível de significância apresenta ser superior a $p=0.05$, contudo a diferença aparenta ser pouco significativa entre os grupos em relação aos alunos que apresentam ter competências empreendedoras.

Tabela 3 Género e alunos que consideram ser empreendedores

		Género		
		Masculino	Feminino	Total
Considera ser Empreendedor	Nada Empreendedor	19	26	45
		8,3%	11,4%	19,7%
	Pouco Empreendedor	54	48	102
		23,3%	21%	44,3%
	Muito Empreendedor	35	48	83
		15%	21%	36%
Total	108	122	230	
Total Percentagem			100%	

Fonte: Elaboração própria

Hipótese. 2: De acordo com os dados obtidos, 20.44% dos alunos com intervalo etário entre [16 a 17] tem maior propensão para empreender de que os outros grupos, sendo o grupo de alunos correspondente ao intervalo entre [18 a 20] com 12.6% e as idades [14 a 15] com 3.05 % com menos percentagem de propensão para empreender, embora a diferença apresentada em os grupos etários não sejam estatisticamente significativa, $\chi^2(3) = 1.898, p = .152$.

Tabela 4: A Idade tem influência nos alunos que consideram ser empreendedores

		Idade			
		14 a 15	16 a 17	18 a 20	Total
Considera ser Empreendedor	Nada Empreendedor	8	18	19	26
		3,48%	7,82%	8,27%	19,57%
	Pouco Empreendedor	17	56	29	102
		7,39%	24,35%	12,6%	44,34%
	Muito Empreendedor	7	47	29	83
		3,05%	20,44%	12,6%	36,09%
Total				230	
Total Percentagem				100%	

Fonte: Elaboração própria

Hipótese 3: Os alunos que têm mais propensão para se identificar como empreendedores são os do 12º ano (15.21%), comparativamente com outros níveis de escolaridade, embora a diferença não seja estatisticamente significativa, $\chi^2(3) = 16.704$ $p = .010$.

Tabela 5 Escolaridade tem influência nos alunos que considera ser empreendedores

		Escolaridade				
		9º Ano	10º Ano	11º Ano	12º Ano	Total
Considera ser Empreendedor	Nada Empreendedor	7	7	13	18	45
		3,04%	3,04%	5,65%	7,82%	19,5%
	Pouco Empreendedor	23	21	30	28	102
		10%	9,13%	13,04%	12,17%	44,3%
	Muito Empreendedor	5	26	17	35	83
		2,17%	11,30%	7,39%	15,21%	36,2%
Total		35	54	60	81	230
Total Percentagem						100%

Fonte: Elaboração própria

Hipótese 4: Relativamente as perspetivas empreendedoras dos alunos, 29.12% tencionam em continuar os estudo universitários, 35.65% ter o seu próprio negócio e 35.19% trabalhar por conta de outrem. Pode-se dizer que os resultados obtidos apresentam uma percentagem pouco significativa de $\chi^2(3) = 1.019$, $p = .601$.

Tabela 6 Perspetivas futuras dos alunos em relação ao mercado de trabalho através do empreendedorismo

		Perspetivas Profissionais			
		Continuar o estudo	Ter o próprio negócio	Trabalhar por conta de outrem	Total
Género	Masculino	28	40	40	108
		12,17%	17,39%	17,39%	
	Feminino	39	42	41	122
		16,95%	18,26%	17,82%	
Total		67	82	81	230
Total Percentagem		29,12%	35,65%	35,19%	100%

Fonte: Elaboração própria

De acordo com o resultado dos dados óbitos representados na tabela 7 é fundamental que os alunos tenham contactos com atividades ligada ao empreendedorismo dentro e

fora do recinto escolar, segundo os dados 86,5% não participam nas atividades empreendedoras fora da escola, o incentivo em colocar em pratica as atividades empreendedoras torna imprescindível para proporcionar a promoção da cultura empreendedora e conseqüentemente estimular e habilitar os alunos a novos paradigmas de modo a tornar mais capacitados e independente, a arriscar em projetos e tornar num empreendedor de sucesso.

Tabela 7 Interesse dos alunos em atividades ligadas ao empreendedorismo

Participação em atividades Extracurriculares		Frequência	Porcentagem
		Sim	41
	Não	189	82,2
Total		230	100%
		Frequência	Porcentagem
Participação em atividades ao empreendedorismo fora da escola	Sim	13	13,5
	Não	199	86,5
Total		230	100%

Fonte: Elaboração própria

Segundo a tabela 8 realça o nível de escolaridade dos alunos com participação em concursos de ideias, sendo os alunos que mais tiveram presença em concurso de ideias pertencem ao 10º Ano com 5% e é notório uma porcentagem expressiva de alunos que não participaram em concurso de ideias. É essencial que os alunos possam colocar em prática projetos seja ele de caris social como também lucrativo por forma a incentivar a participação em concursos e conseqüentemente melhorar a forma de elaboração e concretização dos projetos.

Tabela 8 Alunos que participaram em concursos de ideias

		Concurso de ideias		
		Sim	Não	Total
Escolaridade	9º Ano	9	26	35
		4%	11%	
10º Ano	10	44	54	
	5%	19%		
11º Ano	5	55	60	
	2%	24%		
12º Ano	8	73	81	
	4%	32%		
Total		32	198	230
Total Porcentagem		15%	85%	100%

Fonte: Elaboração própria

De acordo com a tabela 9 pode-se dizer que o intervalo de idade que mais apresenta ideias de negócio é [16 a 17 anos] e com menor percentagem o intervalo de [14 à 15 anos] de idade. Com isso espera melhorar e habilitar mais e melhor os alunos principalmente os alunos com intervalo de idade entre os [18 a 20 anos] como forma de melhorar performance e na concepção de ideias de negócios.

Tabela 9 Ideias de negócios

Ideias de Negócios				
Idade		Sim	Não	Total
	14 a 15 anos		17 7,39%	15 6,521%
16 a 17anos		66 28,69 %	55 23,91%	121
18 a 20 anos		35 15,21 %	42 18,26%	77
Total		118	112	230
Total Percentagem		51,3%	48,7%	100%

Fonte: Elaboração própria

Alguns autores como (Banha, 2016; Saraiva, 2011; Testas, 2013) defendem a introdução do ensino do empreendedorismo o mais cedo possível para que os alunos tenham contato com as atividades e as práticas empreendedoras e conseqüentemente melhorar a sua capacidade de aprendizagem execução de tarefas ligadas ao empreendedorismo, sendo assim 93,5% dos alunos concordam com a introdução do ensino dos empreendedorismo em todos níveis de escolaridade do ensino secundário.

Tabela 10 Introdução do ensino do empreendedorismo o mais cedo possível

		Frequência	Percentagem
Introdução do ensino do empreendedorismo o mais cedo possível e em todos os níveis do ensino secundário	Sim	215	93,5
	Não	15	6,5
Total		230	100%

Fonte: Elaboração própria

6.2 Análise dos resultados

Após a exposição dos resultados obtidos é efetuado a análise dos dados, e por conseguinte são apresentadas as principais conclusões. Contudo, para ter conclusões sobre os resultados, é equiparado e testado os resultados, usufruindo da teoria e recorrendo a dados empíricos acerca da temática, para assim conseguir fazer ilações. Porém a investigação tem como objectivo analisar as intensões e propensões empreendedoras dos alunos no ensino secundário. Para a construção do perfil empreendedor o indivíduo deve estar dotado de capacidades empreendedoras, capaz de implementar mudança, criatividade, atitudes, aptidões e ter determinação para empreender (Testa, 2013).

Todavia, quando se pretende estudar o perfil empreendedor dos alunos, há sempre que fazer ligação entre: determinação dos alunos em aceitar atividades ligados ao empreendedorismo, e que os mesmos tenham competências empreendedoras, qualidades pessoais ou características, atitudes, visão, motivação para empreender (Rocha, 2012).

De acordo com o estudo, é apresentada um conjunto de hipóteses com o intuito de compreender as intenções e as propensões empreendedoras dos alunos do ensino secundário em Cabo Verde.

Segundo os dados obtidos na hipótese 1, em relação ao género dos alunos que consideram ser empreendedores são mulheres. De acordo com o universo em estudo, 21% dos alunos do género feminino tem ideias de negócios a concretizar, contra 15% do género masculino. Segundo os autores Blanchflower (2004) Warnecke (2013) salientam que o crescimento do empreendedorismo feminino nos últimos tempos, apresenta um nível abaixo em relação ao género masculino. Contudo ainda existe alguns entraves no empreendedorismo feminino, um deles tem a ver com a cultura de cada país, já para o autor Martin et al (2012) o mesmo tende a desmistificar a importância e o papel da atividade empreendedora no feminino. Contudo Lim e Envick (2013), Lago (2016) evidenciam o empenho dos jovens na atividade empreendedoras com impacto social, na satisfação pessoal, profissional e consequentemente no desenvolvimento e crescimento da economia do país.

O empreendedorismo jovem tem crescido nas últimas décadas, sobretudo no propósito da consciencialização e transmissão da cultura empreendedora na comunidade

educacional, como forma de incentivar os jovens na criação, arriscar em negócios e projetos. De acordo com a inquirição, os alunos participantes consideram que para ser um bom empreendedor o mesmo tem que estar dotado de qualidades tais como: ser um bom líder, ter a capacidade de arriscar em novos projetos, ser criativo e com capacidades de inovação. Porém, de acordo com Banha (2016) o processo do empreendedorismo resulta com criatividade, inovação, capacidade de aversão a risco associado a um projeto, proporcionando capacidades a um indivíduo transformar ideias em ação.

Segundo os autores (Saraiva, 2011; Banha, 2016) defendem a introdução do ensino para o empreendedorismo e aplicado de forma universal, em todos os níveis educativos do ensino, do básico até ao superior por forma a inculcar a aprendizagem ao longo da vida. A capacidade empreendedora jovem passa pela sua promoção junto dos estudantes por forma a inculcar mudança de atitudes, comportamentos, motivações quer no ensino básico/secundário, quer no seio dos agregados familiares. O risco e o medo associado a criação de um novo empreendimento tem sido uma barreira para alguns jovens empreendedores tendo que sair da sua zona de conforto habitual para arriscar num novo projeto de vida, contudo acaba por ser uma experiência de vida ultrapassando as barreiras e lidar com o fracasso, contendo os erros para ter sucesso como empreendedor.

A propensão empreendedora é de facto uma medida psicológica, tendo sido usada como um conceito ao nível individual dos proprietários ou gestores de topo. Contudo a propensão empreendedora apresenta três dimensões: a primeira a capacidade de inovação, a segunda tomada de risco e a terceira pró-atividade, porém o empreendedor é visto como canalizador da mudança inovadora, contudo os alunos tem que ter presente a cultura empreendedora, dota-los de capacidades e conseqüentemente a criação do perfil empreendedor.

Em relação a hipóteses 2 tentou-se perceber se a faixa etária tem influência nos alunos na tomada de decisão para a criação de ideias e projetos de negócios. Porém, de acordo com os dados obtidos os alunos com faixa etária entre [16 a 17] apresentam mais ideias de negócios do esperado aos alunos com faixa etária superior aos 18 anos. Porém a faixa etária pode ser considerada um fator decisivo na tomada de decisões e no amadurecimento de ideias e no sentido de responsabilidade perante as atividades empreendedoras a ser desenvolvidas. Contudo as atividades do programa de

empreendedorismo nas escolas demonstra ser uma mais-valia, visto que quando mais for a participação dos alunos na elaboração de projetos de negócios maior será a sua probabilidade em empreender.

Em análise da hipótese 3, era esperado que o nível de escolaridade dos alunos pode influenciar nas intensões e propensões empreendedoras, contudo, de acordos com os dados auferidos, os alunos com maior nível de escolaridade tem aptidões em empreender e estar apto para entrar em atividades empreendedoras comparativamente com alunos com níveis de escolaridade inferior. A participação dos alunos em atividades empreendedoras influência de forma positiva, ou seja quanto maior for o incentivo de todos os agentes da comunidade educacional e familiar, maior será a capacidade de empreender, e conseqüentemente ter uma sociedade mais empreendedora. Contudo os empreendedores não têm de ser provadores de mudanças, mais sim exploradores de oportunidades criadas pela mudança.

Em relação á hipótese 4 pode-se dizer que não obteve uma variação percentual em relação as perspectivas futuras dos alunos, 35.6% dos alunos inquiridos manifestam o interesse em ter o seu próprio negócio, 35.19% a trabalhar por conta de outrem e 29,12% gostariam de continuar os estudos.

7. Conclusão e considerações

Conclusões

O presente trabalho de investigação centrou-se na análise do tema educação para o empreendedorismo, nomeadamente através da análise da importância de promoção de perfil empreendedor dos alunos bem como no progresso como alavancagem do desenvolvimento do denominado “espírito empreendedor” na sociedade Cabo-verdiana.

A educação para o empreendedorismo, é observada como um processo complexo e tem evoluído nos últimos tempos. Vários estudos empíricos realizados neste âmbito revelam em sua experiência pontos positivos para obtenção do sucesso, mas também realça o insucesso no processo de ensino para o empreendedorismo (Testa, 2013). Porém, a educação para o empreendedorismo, surge como forma de potencializar o papel do ensino e da aprendizagem na criação da cultura, perfil empreendedor e um ambiente favorável ao empreendedorismo na sociedade, e conseqüentemente, do país. Contudo, a educação para o empreendedorismo não se limita à educação para a criação de empresas ou para o auto-emprego, sendo que ela pode abranger vários ciclos de ensino, onde pode ser entendida enquanto experiência prática protagonista de saberes escolares transversais com oportunidades de desenvolver competências analíticas e críticas, comunicacionais e de liderança (Banha, 2016).

A educação para o empreendedorismo em Cabo Verde é considerado como um factor potencial de desenvolvimento do país, visto que o país apresenta um frágil desempenho da iniciativa privada, onde a taxa de empreendedorismo tende a ser considerada baixa. Contudo, o Governo tenta inverter essa situação com vista a cultivar no seio da sociedade Cabo-verdiana, o espírito empreendedor, por forma a dinamizar o país, na senda do desenvolvimento económico. Deste modo, a aposta num modelo de educação que privilegie o ensino-aprendizagem como forma de perfeição do desempenho dos alunos e jovens, tende a criar incentivos para impulsionar o desenvolvimento da iniciativa privada, a inovação, a autoconfiança e a criatividade na sociedade. Este processo está de acordo com o que postula Banha (2016) quando sugere que a educação para o empreendedorismo tem sido aposta de muitos países para o fomento e desenvolvimento do tecido empresarial e na redução da taxa de abandono precoce de educação e formação.

Nesta investigação, visa-se analisar a importância da educação para o empreendedorismo, no desenvolvimento do perfil empreendedores nos alunos do ensino secundário Cabo-verdiano. Concomitantemente procurou-se observar as variáveis que influenciam o comportamento e as intenções futuras empreendedora.

A apresentação das considerações finais advém da revisão teórica literária e de um estudo caso baseado no programa curricular de empreendedorismo em Cabo Verde, onde se demonstra ser uma mais-valia não só para os alunos, mas também acarreta benefícios as escolas na sua forma de atuação e na organizar dos conteúdos abordados no PCE. A preparação dos jovens para o auto-emprego, capacitando-os com competências técnicas empreendedoras inovadoras que tendem a promover a mudança de comportamento e de atitudes é um forte ariete para a criação de um perfil empreendedor nos jovens, e no futuro.

Os dados da pesquisa obtidos, sugerem que os inquiridos do género feminino têm mais probabilidade em empreender do que o género masculino. Nota-se que os alunos que já participaram em algumas atividades ou disciplinas de empreendedorismos têm uma postura distinta, daí a importância da sugestão de se alargar este modelo de programa de educação para o empreendedorismo a todos os anos letivo do 7º Ano ao 12º Ano de escolaridade. De realçar que todos professores devem passar por uma formação inicial de formadores e na área do empreendedorismo (Banha, 2016). A participação dos alunos em atividades extra curriculares uma influência positiva na criação da “atitude”, no “espírito empreendedor”, na propensão para a criação do próprio negócio e na concretização de ideias inovadoras e na participação de *starp up*.

De acordo com os resultado adquiridos através do estudo caso da investigação, os alunos demonstram o interesse em empreender no futuro, embora que os mesmo salienta a preocupação e a responsabilidade de criar um negócio. É necessário uma cultura empreendedora nas escolas em todos níveis de ensino desde o ensino básico até ao ensino universitário, visto que quanto mais contato os alunos venham ter com atividades empreendedoras, maior é a probabilidade de empreender ou ter ideias de negócio e conseqüentemente capacita-los para uma outra perspetiva para o alcance dos objetivos de vida.

Sem dúvida que, a cultura empreendedora deve ser valorizada uma vez que ela constitui uma das mais importantes influenciam para alavancar o processo de desenvolvimento

da sociedade e da economia e na criação de riqueza de um país. Porém a sua valorização na sociedade é fundamental, porque quanto mais formação empreendedora é transmitida maior será a capacidade do capital social e humano.

A educação empreendedora deve fazer parte das políticas públicas educacionais, através da sua inserção nos programas curriculares. As escolas têm um papel fundamental na promoção de atitudes empreendedoras nos alunos. Assim, importa repensar nos métodos de transmissão de informações, desmistificando as barreiras que obstroem o desenvolvimento de habilidades empreendedoras, centrando em metodologias que estimulam a iniciativa e inovação, nomeadamente a capacidade de observar, saber ser e fazer, criar, assim como de procurar alternativas para problemas existentes. Este é o “o espírito empreendedor”.

Para os alunos, a oportunidade de criação e de inovação de novos negócios surge como uma alternativa para enfrentar as dificuldades de encontrar emprego compatível com suas competências adquiridas e desenvolvidas no seu percurso de vida.

Cabo Verde, um país insular, com uma economia emergente, onde o mercado apresenta fragilidades próprias da sociedade com Instituições frágeis, novos paradigmas devem ser adotadas com uma abordagem virada a realidade atual, apostando numa educação empreendedora ensino-aprendizagem com metodologias ativas que fomentam a criatividade e processo do aprendizado.

O estudo feito em Cabo Verde pela Afrosondagem (2014) sugere que existe fraca cultura empreendedora do país.

A cooperação das famílias, comunidades, empresas do Sistema de Ciência e Tecnologia (SCT) experiencias empresariais e a criação de associação de jovens empreendedores nas escolas secundária como uma forma de criar intercâmbios e partilha de informações para o fomento do empreendedorismo são importantes.

Contudo, importa criar um “centro” com representação de todas as atividades do empreendedorismo realizadas nas escolas secundárias em Cabo Verde, como forma de melhor desenvolver as atividades empreendedoras entre as escolas. Na realidade, “as duas horas semanais” ministradas, atualmente aduz serem pequenas para as práticas de atividades empreendedoras nas escolas. Também consideramos ser necessário a criação de oficinas de orientação profissional com intuito de ajudar os alunos na escolha profissional a querer perseguir.

Sugestão para futuras investigações

Uma das inquietações essencial desta dissertação reside principalmente na importância de uma educação empreendedora em todo ano letivo do ensino secundário e futuramente no ensino básico, capaz de responder as necessidades exigidas pela sociedade atualmente, e dar oportunidades as crianças e aos jovens, orientá-los nos seus projetos futuros e incutir neles o espírito de trabalho em equipa, arriscando sem medo de falhar, uma outra forma é a criação de premio empreendedor, uma proposta que visa a valorização das atividades empreendedoras desenvolvidas a nível nacional, para incutir futuros empreendedores a investir mais nos seus projetos, mas também como uma forma de reconhecer o esforço a dedicação feito pelos empreendedores também a criação de um espaço “Empreende” ou parque tecnológico, onde o sitio albergará profissionais de varias áreas tais como: representantes governamentais, empresas financiadoras, espaço de divulgação das atividades empreendedoras, feiras de negócios, palestra, espaço de dúvidas como profissionais na área, incubadoras de diferentes áreas para auxiliar os indivíduos na criação dos seus projetos e apoio aos indivíduos que já possuem empresas concebida e não constituem de um espaço físico para dar continuidade ao projeto, etc.

No entanto, apresentada as conclusões recomenda-se que em futuras investigações, onde propomos:

- (i) Estudo da qualidade do ensino do empreendedorismo nas escolas e como este pode influenciar no desenvolvimento de capacidades empreendedoras nos jovens;
- (ii) Análise do sistema de avaliação das atividades empreendedoras realizadas nas escolas secundárias em Cabo Verde.

Limitações

A investigação apresenta uma série de limitações a ser consideradas para futuros trabalhos de campo:

- (i) Insuficiência de documentos e informações das atividades empreendedoras nas escolas secundárias em Cabo Verde;
- (ii) Relutância dos alunos em responder o questionário;

- (iii) Poucos estudos realizados sobre a educação empreendedora no ensino secundário em Cabo Verde, sendo que o ensino do empreendedorismo foi introduzido no programa nacional de educação há sensivelmente quatro anos.

8. Bibliografia

- ACS, Z.J.D.B. Audretsch (1990). Innovation and small firms. MIT Press. Cambridge, MA.
- AICEP Portugal Global (2016). Cabo Verde – Ficha de Mercado
- Alves, A.F.C. (2014). Educação para o Empreendedorismo: uma prática no ensino da História e da Geografia. Relatório de estágio de Dissertação de Mestrado Universidade Nova de Lisboa.
- Andrade, B.E.P.F.J (2015). O papel das organizações no crescimento, desenvolvimento e inovação do empreendedorismo em cabo Verde. Dissertação de Mestrado Instituto Politécnico do Porto.
- Banha, F. (2016). Educação para o empreendedorismo: O Triunfo dos empreendedores. 1ª ed. Editora Getting
- Baptista, A. (2009). Cabo Verde em busca do Empreendedorismo - Empresa, empreendedorismo e desenvolvimento económico, Revista Iniciativa, nº 28;
- Batista, C.S, Sousa. M.J. (2011). Como fazer investigações e dissertações, tese e relatórios. 2ª ed. informática, Lda.
- Bêrni, D.A.; Fernandez, B.P.M. (2012). Métodos e técnicas de Pesquisa. Modelando as ciências empresariais.
- Birch, D. L. (1987). Job Creation in America: Ho our smallest companies put the most People to work. Free Pr.
- Blanchflower, D. G. (2004). Self-employment: More may not be better (No. W10286.). labor Economics, 16 (1) 442-453.
- Borges, M., Morais. L (2012). Cabo Verde no contexto Desenvolvimento Sustentável: Relatório à Conferência RIO+ 20. Acedido em 05/04/2017 em <https://sustainabledevelopment.un.org/content/documents/1035capeverde.pdf>
- Bruderl, J.; Preisdorfer, P.; Ziegler, R. (1992). Survival chances of newly founded business organizations. American sociological Review 57, pp. 227-242.
- Bucha, A.I. (2009a). Empreendedorismo, apreender a saber ser empreendedor. 1ª ed. Lisboa: Editora RH, Lda.
- Burgelman, R.A. (1983). A process model of interal corporete venturing in the diversified mayor firm. Administrative science quarterly, 28, PP. 223-244.
- Bygrave, W.B.; Timmons, J.A. (1992). Venture capital at the crossroads. Boston: Harvard Business School Press.

- Carolino, E.L. (2015). Empreendedorismo como fator de desenvolvimento socioeconómico. Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais
- Carvalho, C. L, Costa. T.G. (2015). Empreendedorismo: Uma visão global e integradora. 1ª Edição, Lisboa.
- Carvalho, J.E. (2009). Metodologia do Trabalho Científico: saber-fazer da investigação para dissertações e tese. 2ª Ed. Lisboa - Portugal.
- Carvalho, M.C.V. (2012) Empreendedorismo Jovem em Cabo Verde: Necessidades e Oportunidades. Dissertação disponível em: <http://estudogeral.sib.uc.pt>
- Carvalho, R.M. (2010). Compreender + África: fundamentos para competir no Mundo.
- Chiavenato, I. (2012). Empreendedorismo: Dando asas ao espírito empreendedor. 4ª Edição. São Paulo.
- Collins, O.F.; Moore, D.G; Unwalle, D.B. (1964). The Enterprising Man. Michigan state university Press.
- Comissão Europeia (2013). Educação para o empreendedorismo: guia para educadores.
- Convin, J. G; Slevin. D.P (1989). Strategia management of small firms in hostile and benign environments, Strategic Management Journal, CD, pp. 75-87.
- Country meters Numero de Habitantes em Cabo verde (2017). Acedido em 10/12/2017, http://countrymeters.info/pt/Cape_Verde/
- Coutinho, M.P. (2014). Metodologia de investigação em ciências sociais e humana: Teoria e Prática. 2ª ed. Editora Almeida. Coimbra.
- Daniel, A., Ferreira. J.J.P., Preto, M.T., Afonso, P., Quaresma, R. (2015). Atas das I Jornadas Ensino do Empreendedorismo em Portugal. Instituto Predo Nunes.
- Directel Cabo Verde (2014). Guia turístico Cabo Verde. Praia – Santiago. Revista.
- Drucker, P. (1993). Innovation and Entrepreneurship, Collins, 1ª ed.
- Duarte, C., Esperança, J.P. (2012). Empreendedorismo e Planeamento Financeiro. 1ª ed. Edições Sílabo.
- European Commission (2012). Entrepreneurship education at school in Europe: national strategies, curricula and learning outcomes, educational Audiovisual and culture Executive Agency EACEA para Eurycliceand Policy Support.
- Fast, N. (1978). The Rise and fall of corporante New venture Division. Ann Arbor MI: UMI Research Press.
- Ferreira, M.P., Santos.J.C., Serra , F. R. (2010). Ser Empreendedor - Pensar Criar e Modelar a Nova Empresa. 2ª ed. Lisboa: Edições Sílabo.

- Fini, R., Grimaldi, R., Marzocchi, G.L., Sabrero, M. (2009). The foundation of entrepreneurial intention, Academy of management Meeting.
- Garavan, T.N.; O'Connell, B. (1994). "Entrepreneurship Education and Training Programmes: A review and Evaluation - Part 1", Journal of European Industrial Training, Vol. 18 Iss: 8, pp.3-12.
- Garcia, D.M.C, Moren. J. (2010). Entrepreneurial Intention: the role of gender. Internaciol Entrepreneurship and Management Journal, 6 (3), 261-283.
- Gartner, W.B. (1988). Who is na entrepreneur 2 the wngong question. American Journal of Small Business, 12 (4).
- Gerba, D.T. (2012). The context of entreperneurship education in Ethiopian universities. Management Research Review, 35, 3/4.
- GesEntrepreneur. (2015). Empreender na Escola: Guia do professor.
- Gimeno, J.F.; Folta, T.B; Cooper. A.C.; Woo, C.Y. (1997). Survival of the fittest? Entrepreneurial human capital and the Persistence of underperforming firms. Administrative Science Quarterly, 42, pp. 750-783.
- Hannan, M.; Freeman. J. (1984). Structural inertia and organizational chang. American Sociological Review, 49, pp. 149-164.
- Histedbr (2012), Educação votada para o empreendedorismo: Um levantamento do debate académico. Campinas. Revista acedido em 10/01/2017 [http://eacea.ec.europa.eu/education/eurydice/documento/thematic_reports/135 EN.pdf](http://eacea.ec.europa.eu/education/eurydice/documento/thematic_reports/135_EN.pdf).
- IFDEP, (2014), Empreendedorismo Jovem: um olhar sobre Portugal. Acedido em 035/05/2017 em www.ifdep.pt.
- Imaginário, S., Cristo. E., Neves de Jesus, S., Morais, Fátima. (2014). Educação para o empreendedorismo em Portugal: O nascimento do Programa Empreender na Escola. Amazónica. Revista de Psicopedagogia Escolas e Educação, 7 (2), 343-362.
- INE, (2015). Desemprego jovem. Acedido em 02/04/02017 em: www.ine.cv/mobile/MainIndicador/desempregoJoven/8
- Johansen, V., Schanke, T. (2013). Entrepreneurship Education in Secondary Education and Training. *Scandinavian Journal of Education Research*, 57(4), 357-368.
- Kanter, R.M. (1983) The chance masters: Inovation and entrepreneurship in the American corporation. New Yourk: Simon & Schrester.

- Kirzner, I. (1973). *Competition and Entrepreneurship*. Chicago: university of Chicago Press.
- Knight, F. (1921). *Risk, uncertainty, and Profit*. New Your: Augustus Kelly.
- Lago, M.J.P. (2016). *O género como determinante da propensão para o risco: uma comparação entre empreendedores e não empreendedores*. Dissertação de Mestrado Universidade Porto.
- Lakatos, E.M; Marconi, M.A. (2003). *Metodologia Científica*. 5º ed. São Paulo.
- Larson, A. (1992). Network dyads in entre preneurial settings: A study of the governance of exchange process, *Administrative science quarterly*, 37, pp. 76-104.
- Lim, S., Envick, B.R. (2013). Gender and entrepreneurial orientation: a multi-country study. *International Entrepreneurship and Management Journal*, 9(3), 465-482.
- Lopes, Jorge; Balsa, Carlos; Nunes, Alcina (2009). “É a imagem empresarial de Cabo Verde um espelho do seu potencial de desenvolvimento económico e social?” Acedido em 10/02/2017, de <https://bibliotecadigital.ipb.pt/handle/10198/4176>
- Lopes, M.A.R. (2010). *Educação empreendedora: Conceitos, modelos e práticas*. Sebrae, Elsevier Editora. Rio de Janeiro.
- Mac Millan, I. C.; Zlmann. L; Subba Narasinha. P.N. (1987). Criteria distinguishing successful from unsuccessful ventures in the venture screening process. *Journal of Business venturing*, 2 (2), pp. 23-137.
- Martin, B.C., McNally, J.J., & Kay, M.J. (2012). Examining the formation of human capital de entrepreneurship: A meta-analysis of entrepreneurship education outcomes. *Journal of Business Venturing*, 28, 211-224.
- Martins, J.M. (2017). *À Descoberta do Novo – Empreendimento & Intra-empreendedorismo*. 1ª ed. Edições Sílabo.
- Mayer. K.B.; Goldstein. S. (1961). *The first two years: problems of small firm growth and survival*, Small Business Research Series. US Goverment Printing Office, Washington, DC.
- Mc Clelland, D.C. (1961). *The Achieving Society*, Princeton: D Van Nostrand & com.
- Mendes, A. R., Lemos, C., Pinto, B.F., Domingues, C., Fortuna, C., Tropa, C. V. (2011). *Portugal primeiro – Empreendedores precisam-se*. Lisboa: Edições Sílabo.
- Ministério da Educação (2006). *Educação para a Cidadania: Guião de Educação para o empreendedorismo*. Acedido em 09/04/2017 em

- http://www.dge.mec.pt/sites/default/files/ficheiros/guiaio_educ_empreend_2006.pdf.
- Moberg, K. (2011). Evaluating content dimensions in entrepreneurship education. Copenhagen Business School Working Paper series. Acedido em 20/03/2017 em http://papers.ssm.com/sol3/papers.cfm?abstract_id=1969852.
- Monteiro, M.J.B (2013). Financiamento e empreendedorismo em Cabo Verde: relação e dinâmica. Dissertação de Mestrado Universidade. Acedido em 09/04/2017 em <http://sapientia.ualg.pt/handle/10400.1/3688>.
- Moreira, N. (2015). Porquê mais um livro de Empreendedorismo? Porque Sim! 1ª Edição, Braga.
- Nações Unidas. (2014). Introdução do empreendedorismo nas escolas secundárias em Cabo Verde. Acedido a 05/03/2017, www.un.cv/arquivo-empreendedorismo.php.
- NOSI. (2017). Parque tecnológico. Acedido em 10/09/2017, <http://www.nosi.cv/index.php/component/search/?searchword=gico&searchphrase=any&ordering=newest&limit=25&lang=pt&limitstart=0>
- O'Connor, A. (2012). A conceptual framework for entrepreneurship education policy: Meeting government and economic purposes. *Journal of Business Venturing*, 1-18.
- Odegård, I. (2011). Entrepreneurship Education in Norway. Hedmark University College. <http://www.regieringen.no/upload/KD/Vedlegg/Grunnskole/Entrepreneurship%20Education%20in%20Norway>. Acedido a 04/06/2017.
- Palich, L.E.; Bagby, D.R. (1995). Using cognitive theory to explain entrepreneurial risk-taking: challenging the conventional wisdom, *Journal of Business Venturing*, 10, pp. 435-438.
- Programa curricular empreendedorismo (2015). Relatório anual das atividades do empreendedorismo nas escolas secundárias 2015. Ministério de Educação e Desporto Cabo Verde.
- Quivy, R., Campenhoudt, L. (2013). Manual de Investigação em Ciências Sociais, 6ª ed. Lisboa: Gradiva.
- Ramayah, T., Ahmad, N.H., & Fei, T.H. (2012). *Entrepreneur Education: does prior experience matter?* *Journal of Entrepreneurship Education*, 15, 65-81.

- Raposo, M., Paço, A. (2011). Entrepreneurship education: Relationship between education and entrepreneurial activity. *Psicothema*, Vol. 23, nº 3, pp. 453-456.
- Rizza, C., Varum, C. (2011). Directions in entrepreneurship education in Europe. *Repositório Institucional da Universidade de Aveiro*. Acedido a 08/04/2017 em <http://ria.ua.pt/handle/10773/6480>.
- Rocha, A. (2012). Educação para o Empreendedorismo: Intenções empreendedoras dos estudantes do ensino secundário. Dissertação de Mestrado Universidade da Beira Interior.
- Rocha, A., Silva, M.J., Simões, J. (2012). Intenções empreendedoras dos Estudantes do Ensino Secundário – O Caso do Programa de Empreendedorismo na Escola. *Economia Global e Gestão*, 17, 77-97.
- Sabedoria Alternativa (2013). *A Alma do negócio: Um guia prático para empreendedores em Portugal*. Editora Sabedoria Alternativa.
- Santos, M.P.S. (2014). Projetos de empreendedorismo nas escolas – Impactos nos alunos e nas organizações escolares. Dissertação de Mestrado Universidade dos Açores.
- Sapo.cv (2016) O cabo-verdiano é empreendedor, Acedido a 20/04/2017 em <http://estudante.sapo.cv/artigo/o-cabo-verdiano-e-empreendedor-358886.htm>
- Saraiva, P.M. (2011) *Empreendedorismo*. Edição Imprensa da Universidade de Coimbra.
- Sarkar, S. (2010). *Empreendedorismo e Inovação*. 2ª Edição. Lisboa.
- Sarkar, S. (2014). *Empreendedorismo e Inovação*. 3ª Edição. Lisboa.
- Sartori, V., Silva, A.P., Catapan, A.H., Schimiguel, J. (2011). IASP – Parques Científicos e tecnológicos: empreendedorismo e inovação. Acedido em 05/01/2017, <http://www.anprotec.org.br/Relata/ArtigosCurtos/ID%2084.pdf>.
- Scheman, W. (1992). Note on the financial perspective: what should entrepreneurs know? *BS Note*.
- Schumpeter, J. (1934). *The Theory of economic Development*. Harvard University Press.
- Shane, S.; Venkataraman (2000). The promise of entrepreneurship as a field of research. *Academy of Management Review*, 25, pp. 217-226.

- Silva E. Sá., Monteiro. F. (2014). Empreendedorismo e Plano de Negócio. 2ª Edição, Porto.
- Silva, R. (2014). Tecnologia, Marketing e Soluções. Revista *online*. Acedido a 10/04/2017 em <https://rogeriodrs.wordpress.com/2014/11/04/a-importancia-da-inovacao-tecnologica-para-os-paises-subdesenvolvidos/>
- Spector, P.E. (2002). Psicologia nas Organizações. São Paulo.
- Stuart, T. E. (2000) Interorganizational Alliances and the performance of firms: A study of Growth and Innovation rates in a high technology industry, *strategic Management journal*, 21, pp. 791-811.
- Teixeira, C.M.M. (2012). Educação para o Empreendedorismo: Um estudo sobre o Projeto Nacional de Educação para o Empreendedorismo. Dissertação de Mestrado pela Universidade de Coimbra, Portugal.
- Testas, C.P. (2013). O Empreendedorismo no ensino superior – o caso do Pólo de Viseu da Universidade Católica Portuguesa. Dissertação de mestrado Universidade Católica Portuguesa.
- Tidd, J.; Bessant. J; & K. Pavitt (2001). *Managing Innovation: Integrating technological, Market and organizational change*. Chichester, Reino Unido: John Wiley & sons, 2ª ed.
- Torres, A. C. R. (2016). Economia digital na fileira da indústria gráfica: o caso da Tipografia Lousanense. Dissertação de mestrado Instituto Superior de Gestão.
- Trigo, V. (2002). Entre o Estado e o Mercado: Empreendedorismo num contexto de Mudança. Instituto Superior de Ciências do Trabalho e a Empresa (I.S.C.T.E).
- Warnecke, T. (2013). Entrepreneurship and gender: Na institucional perspective. *Journal of Economic Issues*, 47 (2), 455-464.

9. Anexo

Questionário

O presente questionário faz parte de uma investigação enquadrada no Mestrado Estratégia de Investimento e Internacionalização, pelo Instituto Superior de Gestão, cujo objetivo é analisar a importância do ensino para Empreendedorismo e as propensões empreendedoras dos alunos nas escolas Secundárias em Cabo Verde.

Os dados recolhidos serão tratados e analisados, apresentados de forma genérica e utilizados para fins académicos. A sua colaboração é fundamental para o entendimento acerca do tema empreendedorismo na educação em Cabo Verde.

Este foi questionário dirigido aos alunos das escolas secundárias em Cabo Verde.

Marque com uma cruz e preencha as respostas que achares pertinente.

1. Género

Masculino Feminino

2. Idade

14-15 16-17 18-20

3. Escolaridade

- a) 9º Ano
- b) 10º Ano
- c) 11º Ano
- d) 12º Ano

4. Qual é Escola? _____

5. Ocupação dos pais ou encarregado de educação

- a) Empregados no setor publico
- b) Empregado no setor privado
- c) Trabalha por conta própria
- d) Desempregado

6. Participa em alguma atividade extracurricular?

Sim Não

7. Onde ouviu falar de Empreendedorismo, pela primeira vez?

- a) Estabelecimento de ensino
- b) Meios de comunicação
- c) Com amigos
- d) Na família

8. Participa em alguma atividade ligada ao Empreendedorismo fora do recinto escolar?

Sim Não

8.1. Se sim, qual? _____

9. Para si, ser empreendedor é?

- a) Criar o seu próprio negócio
- b) Ser criativo e inovador

- c) Ser capaz de arriscar
- d) Ser líder

10. Consideras ser um empreendedor?

- a) Nada empreendedor
- b) Pouco empreendedor
- c) Muito empreendedor

11. Qual a importância da temática do Empreendedorismo no ambiente escolar

- a) Pouco relevante
- b) Relevante
- c) Muito relevante

12. Achas que a educação Empreendedora deve ser introduzida no plano curricular mas cedo possível no ensino secundário?

Sim Não

13. Caso a tua escola realize atividade relacionada com o tema Empreendedorismo terá interesse de participar?

Sim Não

14. Achas que na sua escola existe atividades Empreendedoras que possam estimular um bom ensino / aprendizagem?

Sim Não

15. Tenciona em:

- a) Ter próprio negócio
- b) Trabalhar por conta de outrem

16. Possui alguma ideia de negócio?

Sim Não

17. Já participou nalgum concurso de ideias?

Sim Não

18. Vê o empreendedorismo como a primeira opção no momento de integrar o mercado de trabalho?

Sim Não

19. Como vê daqui nos próximos 5 ou 10 anos?

- a) Continuar o estudo
- b) Ter o próprio negócio
- c) Trabalhar por conta de outrem

Obrigada pela sua colaboração.

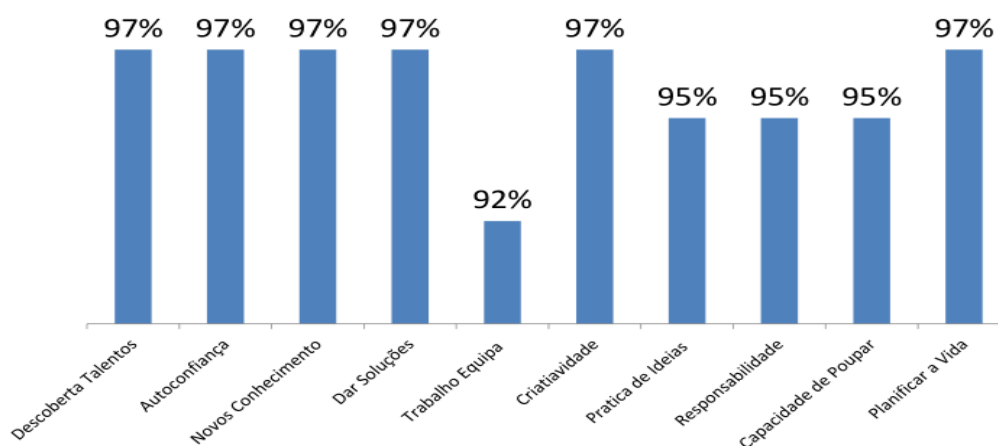
Apêndices

Tabela 11 Ocupação dos pais ou encarregado de educação

		Encarregado de Educação				
		Empregado no setor Público	Empregado no setor Privado	Trabalha por conta própria	Desempregado	Total
Género	Masculino	45 20%	14 6%	31 14%	18 8%	108
	Feminino	34 14%	28 12%	26 11%	34 15%	122
Total		79	42	57	52	230
Total Percentagem		34%	18%	25%	23%	100%

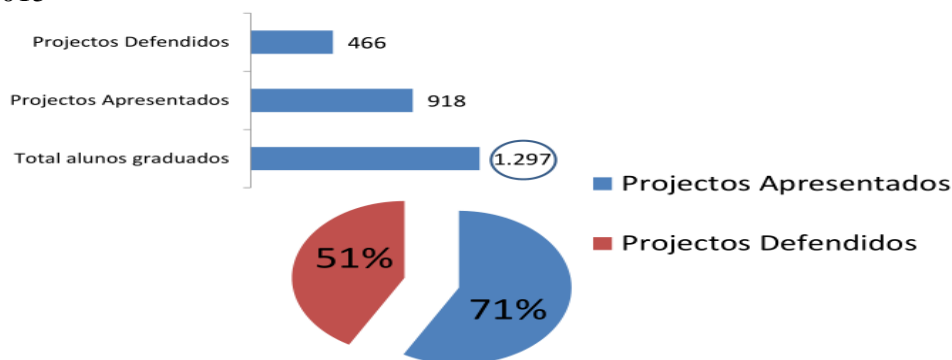
Fonte: Elaboração própria

Gráfico 7 Mudanças de atitudes nos seus alunos observados pelos Professores



Fonte: Relatório de Programa Curricular de Empreendedorismo em Cabo Verde (2016).

Gráfico 8 Resultado de apresentação e projetos defendidos 12º anos de escolaridade em Maio 2015



Fonte: Relatório de Programa Curricular de Empreendedorismo em Cabo Verde (2016).

Figura 3 Alunos em atividades empreendedoras nas Escolas Secundárias em Cabo Verde



Fonte: ADEI e Relatório de Programa Curricular de Empreendedorismo em Cabo Verde (2016).